



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MARIA DA CONCEIÇÃO DA COSTA CARDOSO

**DESAFIOS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO CARIRI OCIDENTAL
PARAIBANO.**

**SUMÉ - PB
2017**

MARIA DA CONCEIÇÃO DA COSTA CARDOSO

**DESAFIOS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO CARIRI OCIDENTAL
PARAIBANO.**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais.**

Orientador: Professor Dr. Rozenval de Almeida e Sousa.

**SUMÉ - PB
2017**

C268d Cardoso, Maria da Conceição da Costa.
Desafios do ensino de sociologia no Cariri Ocidental Paraibano.
/ Maria da Conceição da Costa Cardoso. Sumé - PB: [s.n], 2017.

79 f.

Orientador: Professor Dr. Rozenval de Almeida e Sousa.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Ensino de Sociologia. 2. Cariri Paraibano – ensino de sociologia. I. Título.

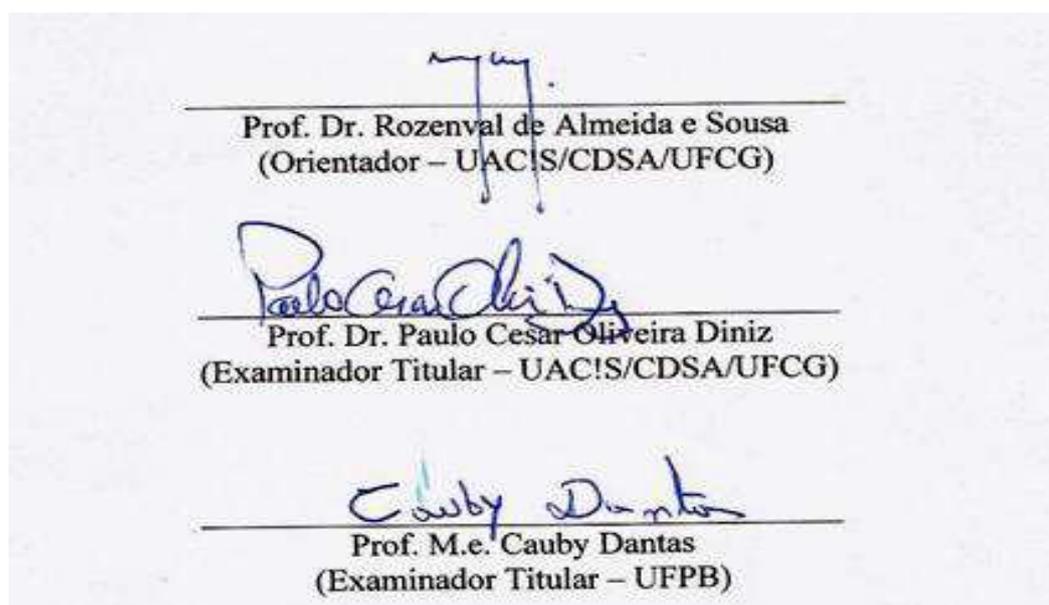
CDU: 316:37(043.1)

MARIA DA CONCEIÇÃO DA COSTA CARDOSO

**DESAFIOS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO CARIRI OCIDENTAL
PARAIBANO.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:



Trabalho aprovado em: _____ de maio de 2017.

SUMÉ – PB.

Minha família, minha vida:

À Rosilda e João, meus pais.

À Monaliza e Matheus, meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

O trabalho que hoje concluo é resultado de um longo, árduo e gratificante processo do qual muitas foram as pessoas que deram suas contribuições para que este sonho se tornasse realidade. Então, neste momento, não poderia deixar de agradecer a todos vocês que sempre me estenderam a mão quando mais precisei.

Em primeiríssimo lugar agradeço a Deus, pois foi nele que encontrei forças para suportar todas as dificuldades e chegar até o fim dessa jornada. Nos dias mais difíceis da minha vida era com ele que eu contava, era a ele que eu pedia, e era ele quem me ajudava, porque só ele me compreendia.

Aos meus pais Rosilda e João, meus irmãos Monaliza e Matheus pelo amor que vocês em seus atos demonstram por mim, pois com toda simplicidade sempre me incentivaram a seguir nessa caminhada, e hoje sinto-me orgulhosa por ser fruto desta família que sempre me ensinou a lutar de forma honesta pelos meus sonhos: vocês são de fundamental importância na minha vida. Sem vocês, sou nada.

À minha primeira professora Maria Edivânia Santos, que me alfabetizou com todo carinho do mundo, pois se hoje consegui me formar é porque há alguns anos atrás você plantou em mim a semente do conhecimento que hoje dá frutos.

Aos meus grandes professores do Ensino Fundamental e Médio, por tudo o que me ensinaram, naquele marcante e saudoso período de escolarização.

Aos meus ilustres professores da Universidade, que me serviram como inspiração para continuar nessa busca incessante pelo conhecimento, pois foi com vocês que aprendi que "O homem pode tanto quanto sabe" como já dizia Francis Bacon.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que foi muito relevante nesse processo de formação, pois através do mesmo tive a oportunidade de conhecer o meu campo de trabalho, e viver experiências muito significativas que levarei com certeza para minha vida profissional. Ao meu queridíssimo Coordenador da área de Sociologia deste Programa, Prof. Rozenval de Almeida e Sousa, por quem tenho enorme carinho e admiração, por toda atenção que me dedicou durante esses anos através de conversas produtivas sempre que nos encontrávamos. Aos supervisores Profa. Ana Marcela Jordão e Prof. Lívio Rodrigues de Sousa, por terem me recebido de braços abertos enquanto Pibidiana; a Escola Estadual Manoel Alves Campos (Congo – PB) e a Escola Estadual Professor José Gonçalves de Queiroz (Sumé – PB), que me acolheram carinhosamente; e aos meus colegas Pibidianos que

atuaram ao meu lado nestas escolas, porque deixaram, além de riquíssimas experiências, eternas saudades.

Ao Núcleo de Estudos em Ensino de Sociologia (NuSÓCIO), pelo aprendizado que me proporcionou em produtivas tardes de estudos e debates; e aos seus Coordenadores Prof. José Marciano Monteiro e Prof. Rozenval de Almeida e Sousa, pelos quais tenho enorme respeito e admiração.

A todos os meus colegas de turma, por tudo que vivemos juntos. E aos que a vida me apresentou para que o ambiente acadêmico ficasse mais agradável, principalmente àqueles que sempre estavam ali nas aconchegantes rodas de conversa, onde falávamos dos assuntos mais diversos, que iam desde desabafos dos problemas até piadas para darmos boas gargalhadas: é de vocês, Girluce, Fábria, Jaqueline, Letícia, Laudilina, Mércia, Samara, Dênis, Mesias, Adriana, Roni, Christina, Sandra, Fátima, Fernanda, Ítalo, Thaygo, Andreiton, Edberto, Laís, Fabiana, Felipe e Almendes que estou falando, pois com a companhia de vocês tudo ficou mais leve e divertido.

Ao meu grande amigo José Diones Nunes dos Santos, com quem dividi muitos momentos de dificuldade e felicidade, agradeço por toda paciência e consideração que teve por mim, me defendendo quando precisei. Foi um prazer tê-lo conhecido, assim como sua digníssima esposa Fabiana Aleixo e o filho de vocês Políbio: família pelo qual tenho enorme carinho e gratidão.

Às professoras entrevistadas Aracele Barbosa Gomes e Kátia Carina Mesquita Cruz, que foram de fundamental importância para o desenvolvimento da minha pesquisa.

A todas aquelas pessoas que me acolheram em suas casas durante esses quatro anos de curso, deixo os meus eternos agradecimentos, pois sem o apoio delas teria sido impossível chegar até aqui. Entre elas estão, Dona Maria Roque, que sempre me recebeu com um sorriso estampado no rosto, e meus padrinhos Neto e Quitéria, por quem tenho muito afeto e respeito.

Ao meu namorado, pela compreensão e pelas conversas que me davam ânimo para continuar, mesmo quando estava desmotivada.

Enfim, a todas as pessoas que fizeram parte da minha formação enquanto ser humano, mulher, estudante e cidadã, meus sinceros agradecimentos!

"A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo". (Albert Einstein)

RESUMO

O presente trabalho investiga a seguinte questão: os desafios vivenciados pelos professores de Sociologia na fase média de ensino do nosso País. Dessa forma, minha intenção é saber em que termos tal questão é discutida no contexto educacional brasileiro atual. De posse disso, verifico a ressonância desses "desafios" no Ensino de Sociologia no Cariri Ocidental Paraibano, visto que também almejo analisar as possíveis convergências e divergências entre aqueles "desafios" universais do Ensino de Sociologia no Brasil e os "desafios" evidenciados nas experiências de Ensino de Sociologia na esfera local. Para tanto, através de um estudo de caso, tento compreender quais os principais "desafios" do Ensino da referida disciplina no Ensino Médio da Paraíba. O resultado do estudo demonstra que os principais "desafios" encontrados no Ensino de Sociologia no Cariri Ocidental Paraibano divergem, em grande parte, daqueles apontados pela discussão acadêmica acerca dessa questão em nível nacional.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia –desafios. Cariri Ocidental da Paraíba.

ABSTRACT

The actual work investigates the following question: The experienced challenges for the teachers of sociology in the medium teaching of Paraíba. In this way, my intention is to know in which form such question is examined in the actual educational Brazilian context. In possession of this, I verify the resonance of these "challenges" in the western Paraíba, since then I wish to analyze the possible convergence and divergence among those universal "challenges" of sociology teaching in Brazil and the "challenges" of a study case, I try to understand what the principal "challenges" of the teaching of the cited discipline in the medium teaching. The results of the research demonstrate which the principal "challenges" found in sociology teaching in western Paraíba diverge in a big quantity of those pointed for academic discussion about this question in a national pattern.

Keywords: Sociology. Teaching. Challenges. Western Paraíba.

LISTA DE SIGLAS

BNCC - BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

CAPES - COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

CNE - CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

DCN - DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS

DCNEM - DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

EJA - EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS

ELSP - ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

FFCL - FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

LAPPECS - LABORATÓRIO DE PRÁTICA E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LDB - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Nu SÓCIO - NÚCLEO DE ESTUDOS EM ENSINO DE SOCIOLOGIA

OCN - ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS

PCN - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

PIBID - PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

PNLD - PLANO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO

UFCG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

UFRN - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 | A QUESTÃO DOS "DESAFIOS" NA LITERATURA SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA..... | 15 |
| 3 | "DESAFIOS" ENCONTRADOS PELA SOCIOLOGIA NA BUSCA DA CONSOLIDAÇÃO ENQUANTO DISCIPLINA..... | 31 |
| 3.1 | "DESAFIOS" PROPOSTOS POR PCN, DCN, OCN, LDB, E BNCC A SOCIOLOGIA..... | 38 |
| 4 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE OS "DESAFIOS" APONTADOS PELA DISCUSSÃO ACADÊMICA EM NÍVEL NACIONAL E OS EVIDENCIADOS NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO..... | 42 |
| 4.1 | LIVROS DIDÁTICOS..... | 43 |
| 4.2 | LECIONAR EM MAIS DE UMA INSTITUIÇÃO..... | 47 |
| 4.3 | PROFISSIONAIS COM FORMAÇÃO EM OUTRA ÁREA..... | 49 |
| 4.4 | LINGUAGEM ADEQUADA PARA TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO..... | 51 |
| 4.5 | TEMPO AULA..... | 52 |
| 4.6 | METODOLOGIA..... | 54 |
| 4.7 | QUAL O PAPEL DA SOCIOLOGIA ENQUANTO DISCIPLINA?..... | 59 |
| 4.8 | QUAL A PRINCIPAL FUNÇÃO DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA?..... | 61 |
| 4.9 | PRINCIPAIS DESAFIOS..... | 63 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 66 |
| | REFERÊNCIAS..... | 68 |
| | APÊNDICES..... | 71 |

1 INTRODUÇÃO

No século XIX surgia a Ciência da Sociedade. Esta nova ciência trazia no seu cerne o desejo de compreender e explicar o complexo modelo de vida social que se instaurava com a expansão industrial.

Certo tempo depois a Sociologia se firmava como disciplina, isto graças ao pai fundador da Sociologia Moderna Emile Durkheim (1858 - 1917).

No Brasil, a efetivação da Sociologia como disciplina obrigatória no currículo da Educação Básica só aconteceu em 2008, a partir do Decreto Lei 11.684 de 02 de Junho, que por sua vez anulou o inciso III § 1º do art. 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei 9.396 de 20 de Dezembro de 1996), a qual prognosticava que, ao término do Ensino Médio, deveria o aluno possuir "domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários para o exercício da Cidadania", o que deu espaço para a livre interpretação de como trabalhar estes conteúdos de forma transversal.

Sabendo-se então que o longo caminho percorrido pela Sociologia enquanto disciplina foi marcado por um processo de descontinuidade, o atual trabalho visa investigar quais os principais "desafios" encontrados hoje pelos professores desta tão jovem e encantadora ciência\disciplina, dificuldades estas que são entendidas por muitos estudiosos como resquícios da intermitência pela qual passou a Sociologia na sua longa e árdua trajetória na busca de sua consolidação enquanto disciplina obrigatória.

Para tanto, a presente pesquisa será um trabalho com dados primários e secundários, sendo os dados secundários utilizados na Pesquisa Bibliográfica para a revisão de literatura sobre os "desafios" a nível nacional e os dados primários para o Estudo de Caso dos "desafios" no Ensino de Sociologia no Cariri Ocidental Paraibano, sendo então adotada a metodologia Estudo de Caso, com abordagem Qualitativa, pois desejamos investigar quais os principais "desafios" encontrados pelos professores de Sociologia e, para isto, se faz necessário o uso desta abordagem, pois a mesma possibilita apreender o objeto de pesquisa na sua subjetividade e assim poder responder a questões bem peculiares. No entanto, o referido trabalho possui como referencial teórico Michael Young e o "Conhecimento Poderoso" o qual ele conceitua como sendo aquilo que o conhecimento pode fazer, como, por exemplo, "fornecer explicações confiáveis ou novas formas de se pensar a respeito do mundo", pois Young (2007) afirma que existe uma ligação entre desejos emancipatórios associados com a expansão da escolarização e a oportunidade das escolas em oferecer aos alunos a aquisição do "Conhecimento Poderoso" e que é dever de todo professor e de todo pai sempre questionar

"Para que servem as escolas?", pois segundo Young (2007), hoje há motivos bem específicos para se fazer essa pergunta, mas desde a década de 1970 educadores radicais e muitos Sociólogos críticos questionavam o papel das escolas e as viam de maneira bem negativa, o que segundo esse mesmo intelectual, possui um fundo de verdade, mas porém são críticas fundamentalmente equivocadas, pois Young defende que abordar a Escola como instituição a qual possui como propósito específico a promoção e aquisição do conhecimento gera várias implicações.

Com tudo, tal investigação dar-se-á com base em entrevistas que foram feitas por alunos da turma 2015.1 que estavam cursando o 3º período do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG Campus Sumé-PB, no ano de 2016, isto como pré-requisito para a obtenção de nota para o componente curricular Laboratório de Pesquisa e Prática em Ciências Sociais (LAPPECS II). Por tanto, foram entrevistadas as duas únicas professoras formadas em Ciências Sociais e que lecionam Sociologia no Ensino Médio em Escolas Estaduais no Cariri Ocidental Paraibano.

Segundo Figueiredo (2011) a Pesquisa Bibliográfica ou fonte secundária abrange toda bibliografia já publicada relacionada ao tema em estudo, desde livros, jornais, revistas, monografias, dissertações, teses, incluindo outras fontes como eventos científicos, debates, meios de comunicação como televisão, rádio, vídeos e filmes etc.

De acordo com Minayo apud Figueiredo (2011) a abordagem qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas Ciências Sociais, com um nível da realidade que não pode ser quantificado.

Conforme Demo apud Figueiredo (2011) esse tipo de abordagem "em parte, define-se como metodologia alternativa porque busca salvaguardar o que a metodologia dura joga fora por não caber no método, sendo isto por vezes o mais importante na realidade".

Com relação ao tipo de pesquisa adotado neste trabalho, Figueiredo (2011) afirma que, Estudo de Caso é um estudo profundo e exaustivo de fatos, situações ou objetivos de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Este autor acrescenta, ainda, que o Estudo de Caso é mais utilizado nas pesquisas de campo de tipo exploratório, por visar levantar questões para outros estudos através de dados qualitativos.

Ainda sobre Estudo de Caso Bogdam e Biklen (1994) dizem que o mesmo consiste na observação detalhada de um contexto, ou individuo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico. (Merriam, 1988 apud BOGDAM e BIKLEN, 1991, p. 89)

No entanto sobre a técnica utilizada nesta pesquisa Haguette (1997) afirma ser:

(...) um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro o entrevistado. (HAGUETTE 1997: 86 *apud* BONI e QUARESMA, 2005, p.72).

Ainda se referindo à técnica de pesquisa utilizada neste trabalho Boni e Quaresma explicam como são elaborados os questionários utilizados nas entrevistas:

As entrevistas estruturadas são elaboradas mediante questionário totalmente estruturado, ou seja, é aquela onde as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas. O principal motivo deste zelo é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferenças nas perguntas. (LODI 1974, *apud* LAKATOS 1996, conforme citado por BONI e QUARESMA, 2005 p.73 a 74).

No entanto, foi por conta do contato com essa literatura sobre o tema proposto para estudo, e também da minha participação em encontros e grupos de estudo – como, por exemplo, o Núcleo de Estudos em Ensino de Sociologia – Nu Sócio, onde, certa vez, se debateu a questão dos "desafios" do Ensino de Sociologia – que aflorou em mim a curiosidade e a vontade de estudar tal questão, procurando saber em que medida os “desafios” evidenciados nos eventos acadêmicos, nos escritos e nas pesquisas são verificáveis na realidade do Ensino de Sociologia no Cariri Ocidental Paraibano.

Além disso, outros fatores que culminaram para que eu escolhesse como objeto de estudo o Ensino de Sociologia e como questão os "desafios" do Ensino de Sociologia foram o fato de ser Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais e também fazer parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, além de ter cursado a disciplina de Laboratório de Pesquisa e Prática em Ciências Sociais II, no 3º período do referido curso, na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, no Campus de Sumé-PB, LAPECS esse que tratava das questões do Ensino de Sociologia. Por tais motivos senti a necessidade de conhecer um pouco mais sobre quais os possíveis "desafios" que por ventura podem surgir na minha jornada profissional enquanto professora de Sociologia do Ensino Médio.

Partindo então desta perspectiva, este trabalho possui por principal objetivo investigar quais os principais "desafios" vivenciados por professores de Sociologia que atuam no Ensino Médio, no Cariri Ocidental da Paraíba, e se esses "desafios" convergem ou divergem dos "desafios" que vêm sendo colocados por vários intelectuais como Vieira (2014), Bodart e Silva (2016), Carvalho (2010), Silva (2004), Handfas (2012), Moraes (2011), Lenert (2011) entre outros, em pesquisas, livros e eventos. Portanto, o presente trabalho fará o seguinte caminho:

Tendo em vista que esse trabalho se debruçará sobre os "desafios" vivenciados no Ensino de Sociologia e na análise de convergência ou divergência destes com os "desafios" encontrados no Ensino de Sociologia no Cariri Ocidental Paraibano, no primeiro capítulo acontecerá a apresentação do ponto de vista destes autores citados acima, entre outros, sobre os principais "desafios" encontrados pelos professores de Sociologia no Ensino Médio Brasileiro, ou seja, será apresentado o resultado da Pesquisa Bibliográfica desenvolvida através da análise de mais de vinte autores que tratam desta temática em diversos escritos.

No segundo capítulo o leitor será situado no contexto histórico-social do surgimento da Sociologia, pois desejamos apresentar ao leitor as várias idas e vindas desta disciplina, ou seja, queremos que ele conheça o fenômeno que é mais apontado por vários intelectuais como sendo a causa principal de todos os "desafios" encontrados hoje pelos professores desta intermitente disciplina. No entanto, sabemos que o processo de descontinuidade que sofreu a Sociologia, na sua curta história, ainda hoje traz como consequência inúmeros prejuízos para esta ciência. Além disso, também acreditamos ser interessante que o leitor entenda por que se fez necessário, naquele momento histórico, o surgimento de uma ciência que buscasse entender e explicar tal caos causado pela Revolução Francesa seguida da Revolução Industrial, pois se de um lado a Revolução Francesa buscava incessantemente modificar a sociedade e propor que todos os indivíduos vivessem com base nos princípios de Liberdade e Igualdade, do outro a Revolução Industrial concretizou o sistema capitalista o que aniquilou as ordens tradicionais e, por consequência, instaurou um novo modelo de vida social. Ainda neste capítulo vamos apresentar os marcos regulatórios da disciplina Sociologia, pois neste momento temos o intuito de apresentar ao leitor toda a trajetória percorrida pela Sociologia para conseguir sua validação enquanto disciplina obrigatória na grade curricular do Ensino Médio.

Portanto, de início serão relatadas as várias idas e vindas da Sociologia ao longo destes anos, para compreendermos um pouco mais desse processo que contribuiu para que a Sociologia se tornasse uma disciplina intermitente no currículo da Educação Básica, fato este que muitos intelectuais vêm até hoje como causa principal das duras consequências sofridas por todos os profissionais da área da Licenciatura em Sociologia, e em seguida, apresentaremos quais os "desafios" propostos por PCN, DCN, OCN e LDB a Sociologia enquanto disciplina para o Ensino Médio.

No terceiro capítulo acontecerá a apresentação e análise das entrevistas com as professoras de Sociologia. Neste momento vamos analisar se os "desafios" mencionados no decorrer deste trabalho, isto através de pesquisas em dados secundários como literatura e

pesquisas de nível nacional que abordam essa temática, são verificáveis na realidade Educacional do Ensino de Sociologia no Ensino Médio no Cariri Ocidental Paraibano, ou se os "desafios" evidenciados pelas professoras desta região divergem dos que vêm sendo evidenciados em eventos, livros e pesquisa a nível nacional. Portanto, nesta última parte buscaremos apresentar os resultados do Estudo de Caso, e assim analisarmos se os principais "desafios" encontrados pelas professoras de Sociologia do Cariri Ocidental Paraibano convergem ou divergem dos "desafios" evidenciados na Pesquisa Bibliográfica a nível Nacional. Pois sendo Graduanda de Licenciatura em Ciências Sociais, senti despertar em mim a curiosidade em saber quais os principais "desafios" que poderei encontrar durante minha vida profissional, sendo este o caminho que escolhi trilhar.

Este será então o percurso seguido no presente trabalho sobre a temática dos "desafios" encontrados no Ensino de Sociologia, mais precisamente no Cariri Ocidental Paraibano, para assim podermos delimitar nosso objeto de pesquisa.

2 A QUESTÃO DOS “DESAFIOS” NA LITERATURA SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA

O educador deve começar com o que interessa ao indivíduo mais profundamente, mesmo que pareça trivial e barato. Deve usar materiais e proceder de modo a permitir ao estudante adquirir crescente visão racional de tais preocupações, e de outras que adquirirá no processo de sua educação. E o educador deve tentar desenvolver homens e mulheres que podem, e que por si mesmos o farão, continuar o que ele iniciou: o produto final de qualquer educação libertadora é simplesmente o homem auto-educador, auto cultivador. Em suma, o indivíduo livre e racional (Wright Mills, 1975, p. 202).

“Desafios no Ensino de Sociologia na Educação Básica” talvez seja um dos temas mais abordados, debatidos e questionados em congressos e outros eventos de cunho acadêmico no campo da Licenciatura em Ciências Sociais. Esta temática, também, já rendeu vários escritos como livros, artigos e monografias, além de diversos trabalhos e pesquisas realizados nas últimas décadas.

De acordo com Vieira (2014), a percepção de que a Sociologia enquanto disciplina, ainda não conseguiu se firmar como componente curricular do Ensino Médio contribui para que, na maioria das vezes, a referida disciplina, seja vista como um complemento da carga horária, podendo ser ministrada por profissionais de outras áreas sem prejuízo para o aprendizado dos alunos. Situação esta que, segundo este mesmo autor, além de gerar o desconforto entre os profissionais da área por serem preteridos no exercício da profissão, também dificulta a própria inserção dos graduados em Ciências Sociais no mercado de trabalho. Dessa forma ele deixa claro que a deficiência na formação desses profissionais responsáveis pela Sociologia no Ensino Médio se refletirá na qualidade do Ensino dessa disciplina que já possui em si alguns problemas, como a falta de um programa mínimo e também de indicação de material didático adequado. Portanto, o fato da maioria das Escolas Estaduais ter como professores de Sociologia profissionais de outras áreas, onde muitas das vezes não é nem sequer correlatas à Sociologia é uma realidade muito preocupante.

Para Sousa (2012), a Sociologia, constitutiva das ciências sociais, possui como missão tornar funcional o mundo das ideias, explicar como funcionam as leis, não para diminuí-las ou desconstruí-las, mas para obedecê-las.

Bodart e Silva (2016) expõem que existem muitos "desafios" no que tange ao Ensino de Sociologia no Brasil, e que o principal deles está na deficiência na formação de Licenciados

em Ciências Sociais e na formação continuada. Dizem ainda que o número de professores Licenciados em Ciências Sociais/ Sociologia tem aumentado nos últimos anos. Entretanto, sua participação na composição dos professores que atuam nesta disciplina, está longe do desejável.

Carvalho (2010), também destaca que os professores que estão trabalhando com a Sociologia no Ensino Médio nas Escolas Públicas parecem apresentar um grave problema de formação, sendo então este um dado preocupante, pois o fato de se ter, em sala de aula, profissionais com formação deficiente, acarretará, inevitavelmente, em um Ensino deficiente.

Silva (2004), afirma que o retorno da Sociologia para o Ensino Médio se constitui um grande “desafio” para os profissionais da área, por não poderem contar com um conjunto mínimo de conteúdos para serem trabalhados na disciplina na atualidade, ou seja, a ausência de um currículo mínimo para orientar os profissionais sobre o que ensinar em Sociologia é consequência da intermitência dessa disciplina na grade curricular do Ensino Médio.

Ainda com relação à falta de um conjunto mínimo de conteúdos, Carvalho (2010) diz que mesmo passado tanto tempo do retorno da Sociologia ao Ensino Médio ainda não foi conquistado e sedimentado o devido espaço da Sociologia dentro dos limites do Ensino Médio, e que, por conseguinte, ainda não existe um consenso sobre o que ensinar em Sociologia e como ensinar.

No que se refere à escolha do conteúdo a ser lecionado nas aulas de Sociologia, ou seja, sobre o consenso do que e como ensinar, Guimarães (2014) ressalta que o professor deve sempre se perguntar quem é o aluno do Ensino Médio, para assim poder fazer essas escolhas do que ensinar e como ensinar como é possível perceber no trecho a seguir:

Quem é o aluno do ensino médio? Esse é o questionamento principal que o professor deve fazer antes de iniciar as escolhas, de decidir sobre os recortes que irão compor o programa de Sociologia. A resposta, evidentemente, não vai levar à construção de um tipo puro, representativo do aluno brasileiro. Mais vai dar pistas para as especificidades que marcam os jovens da escola pública do ensino médio, onde se concentra o maior número de desiguais, que precisam ser pensados a partir das diferentes características que os definem (GUIMARÃES, 2014, p.29).

Segundo Guimarães (2014) o professor também deve colocar sobre a mesa na hora de decidir o programa da Sociologia, os contraditórios mundos que aguardam o jovem do Ensino Médio das Escolas Públicas, para assim poder escolher os conteúdos mais significativos para esses alunos.

De uma forma geral o jovem do ensino médio da escola pública se caracteriza pela contradição de um movimento que determina sua vida de estudante e se desenvolve entre o interior do espaço escolar e a exterioridade do mundo adulto fora da escola, que, oficialmente, o aguarda. São esses diferentes mundos, o da escola e o da vida adulta, que se erguem e se unificam ante um conjunto de expectativas que marcam a passagem desse jovem pela educação básica, que o professor deve colocar sobre a

mesa na hora de decidir o programa da Sociologia. Esses dois mundos determinam os possíveis recortes da disciplina, na escolha de conteúdos mais significativos para os alunos com os quais ele vai trabalhar (GUIMARÃES, 2014, p.29).

Guimarães (2014), também destaca que o professor precisa ter consciência de que essa fase de Ensino poderá ser o último contato de vários jovens com a cultura letrada, e que por isso a última oportunidade de fazer com que esses jovens comecem a pensar o conhecimento para além do espaço escolar, constituindo-se então nesta etapa final da educação básica um preciosíssimo período na vida desses jovens. Veja:

O professor precisa ter em mente que, para maioria desses jovens, o ensino médio será o último encontro sistemático com a cultura letrada: um tempo perdido, se analisado sob os objetivos propostos para essa etapa da escolarização básica. À luz da LDB, oficialmente, as finalidades do ensino médio, entre outras, são "o prosseguimento dos estudos", "continuar aprendendo" para "novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores" (BRASIL, 1998, p.25). Por isso mesmo, como "etapa final da educação básica", precisa ser aprendido como um período precioso, que carrega consigo a responsabilidade de pensar o conhecimento para além dos muros da escola (GUIMARÃES, 2014,p.30).

Segundo Handfas (2012), com relação ao Ensino de Sociologia uma das questões mais debatidas, diz respeito à formação dos professores, isto por conta da carência de professores formados na área, e também por conta da falta de definição de um modelo de formação docente que dê conta de fornecer os subsídios práticos e teóricos necessários a uma formação adequada do professor de Sociologia que deverá enfrentar “desafios” práticos e teóricos próprios de uma ciência que ainda carece de tempo para se institucionalizar no espaço escolar.

Além do fato de ter seus espaços ocupados, na maioria das vezes, por profissionais que não possuem formação na área, Moraes (2014) diz que os Licenciados em Ciências Sociais ainda têm que enfrentar a seguinte situação:

Mesmo entre os profissionais licenciados, acabou-se produzindo uma situação esdrúxula, pois como o nome histórico da disciplina é Sociologia, em que pese ser na verdade um espaço para as Ciências Sociais, a burocracia educacional do MEC, estados e municípios tem reconhecido muitas vezes apenas os licenciados em cursos de Sociologia quando definem os critérios de recrutamento de professores para a disciplina. Muitos cursos de licenciatura em Sociologia têm surgido na esteira da aprovação da obrigatoriedade da disciplina, e muitos deles de discutível nível, enquanto que os cursos de Ciências Sociais, tradicionalmente reconhecidos como formadores de professores de Sociologia, na absoluta maioria dos casos de excelente nível, têm sofrido os reveses dessa desinformação ou da estreiteza da compreensão do caso. Há aqui que uniformizar o recrutamento reconhecendo os licenciados em Ciências Sociais como legítimos habilitados para lecionar a disciplina, e que avaliar mais sistematicamente esses cursos oportunistas de licenciatura em Ciências Sociais, oferecidos na maior parte dos casos por instituições privadas, na modalidade "à distância (MORAES, 2014, p.44 e 45).

Bodart e Silva (2016) também afirmam que a categoria de professores de Sociologia é bastante nova, sendo constituída em sua grande parte por não licenciados na área, e, além disso, poucos são os professores que lecionam Sociologia e se qualificam para além da

graduação, e que dificuldade ainda maior acontece quando a formação complementar é em Ciências Sociais/Sociologia.

Na tabela a seguir, podemos notar que dos professores que atuam na disciplina de Sociologia no Ensino Médio apenas 34,2% são licenciados em Ciências Sociais/Sociologia, sendo então 65,8% formados em outras áreas, fato este que é bastante preocupante, pois com certeza acaba influenciando na qualidade do Ensino, pois se pra quem é formado na área, lecionar Sociologia já é difícil por conta da falta de um consenso sobre o que deve ser ensinado, imagina pra quem possui formação em outra área.

Tabela 1 – Distribuição dos questionados por formação.

| Formação Superior | Frequência | % |
|--|-------------------|------------|
| Licenciado em Ciências Sociais/Sociologia | 188 | 34,2 |
| Licenciado e Bacharel em Ciênc. Sociais/Sociologia | 149 | 27,1 |
| Licenciado em Pedagogia | 35 | 6,4 |
| Graduando em Ciências Sociais/Sociologia | 33 | 6 |
| Licenciado em História | 32 | 5,8 |
| Bacharel em Ciências Sociais/Sociologia | 31 | 5,6 |
| Outra formação | 30 | 5,5 |
| Licenciado em Filosofia | 15 | 2,7 |
| Licenciado em Geografia | 11 | 2 |
| Graduando em Pedagogia | 10 | 1,8 |
| Graduando em História | 6 | 1,1 |
| Licenciado e Bacharel em Filosofia | 4 | 0,7 |
| Bacharel em área de Ciências Exatas/Naturais | 2 | 0,4 |
| Licenciado na área de Ciências Exatas/Naturais | 2 | 0,4 |
| Bacharel em Filosofia | 1 | 0,2 |
| Bacharel em Geografia | 1 | 0,2 |
| Total | 550 | 100 |

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos questionários aplicados em 2013. BODART e SILVA (2016)

Sabemos que, desde a implementação da Sociologia como disciplina obrigatória para o Ensino Médio em 2008, muitos avanços aconteceram como, por exemplo, a sua inclusão no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), entre outros, mas também sabemos que ainda há muito por conquistar, pois inúmeros são os "desafios" encontrados diariamente pelos professores desta recente disciplina que, desde seu surgimento, vive em um constante embate em busca de conquistar seu merecido espaço e reconhecimento.

Mesmo a Sociologia fazendo parte do PNLD, ainda são várias as reclamações de professores com relação à falta ou quantidade insuficiente de livros para atender à demanda de alunos, ou seja, muitas vezes o professor não pode sequer contar com o apoio da mais

tradicional ferramenta de Ensino, o que acaba implicando negativamente no processo de Ensino-aprendizagem.

Se tratando do "desafio" ocasionado pela falta de material didático adequado, disponível para a disciplina de Sociologia, Amaury Cesar Moraes, (2014) dialoga evidenciando o seguinte:

É justo que nessa fase de implantação da Sociologia no Ensino Médio e decorrente da intermitência de sua presença no currículo, ainda não tenhamos um conjunto de material didático mais adequado, em que pese nunca ter havido de fato uma interrupção na produção de livros didáticos de Sociologia (MORAES, 2014, p.38).

Moraes (2014), ainda evidencia que outro grande problema quando se trata de livros didáticos de Sociologia, é o fato do material didático trazer sínteses e análises que expressam a "voz do autor" e que esta por sua vez acaba por sufocar a "voz do professor", pois enquanto a primeira aparece como verdade científica, a segunda ficará apenas como sendo uma simples opinião:

Um outro problema também sério decorre de os livros apresentarem de um modo geral análise e sínteses de temas teorias e conceitos do campo das Ciências Sociais de tal modo que tais sínteses ou análises expressarem a "voz do autor" que, por uma hierarquia construída ao longo dos tempos, e pela diferença de natureza, acaba por sufocar a "voz do professor". Esta é entrecortada, cambaleante, sujeita a auto correção constante, nem sempre elaborada antecipadamente, muitas vezes improvisada, enquanto que aquela vem em "letras de forma", impressa, meticulosamente elaborada, vista e revista, corrigida, linear, marcada pela autoridade que se confere a um autor e que faltaria ao professor, que nem sempre é capaz de produzir um texto mais consistente sobre o tema do dia. A voz do autor é vista como verdade científica, afinal quem se exporia a colocar isso ou aquilo em letras impressas se não tivesse toda a certeza do mundo? A voz do professor - ainda mais no campo das Ciências Humanas, e em particular da Sociologia - aparece como mera opinião, que se junta à opinião dos alunos, de seus pais, dos meios de comunicação, etc. (MORAES, 2014, p.40).

Ainda de acordo com Moraes (2014), esta prática de adotar-se a voz do autor na confecção dos livros didáticos ainda traz consequências muito prejudiciais ao professor:

Como consequência da predominância da voz do autor, a maior parte desses livros quase não traz textos originais do campo das Ciências Sociais que poderia servir como material para leitura e análise. O que ocorre no mais das vezes são pequenos trechos, e quando os textos são um tanto maiores, são transcrições de material jornalístico. Muitas vezes a iconografia (fotos, reprodução de pinturas, gráficos e tabelas) que apresentam não é tratada como uma outra forma de "textos", a serem analisados pelos alunos, não passando de meras ilustrações de uma ou outra passagem do capítulo (MORAES, 2014, p.40).

Outro ponto colocado em evidência por Moraes (2014) é sobre como deveriam ser pensados esses materiais didáticos, pois ele defende que os livros didáticos eram pra ser confeccionados de maneira que não fizessem do professor um mero reproduzidor da voz do autor, e sim um produtor de sua própria fala, sendo então o livro apenas uma ferramenta para auxiliar o professor e não para substituí-lo. Portanto, ele fala o seguinte:

Uma possível alternativa de livro didático seria as antologias. Rigorosamente o que seria mais adequado seria apresentar um material que não tornasse o professor um reprodutor da fala do autor, que se obriga a ler junto ou para os alunos os capítulos do livro, controlando-o, preparando suas aulas, levando em conta o material presente nos livros, e organizando atividades para os alunos a partir dos textos que os livros trazem. Os livros assim pensados seriam complemento ao trabalho do professor - não um substituto (MORAES, 2014, p.41).

Com relação à falta de livros de Sociologia suficiente, Bodart e Silva, (2016) no Artigo intitulado “O perfil do professor de Sociologia do Ensino Médio e sua percepção da condição docente” apresentam uma tabela que mostra o índice de (86,6 %) de professores que não tem um apoio satisfatório de livros de Sociologia nas bibliotecas das escolas onde atuam, sendo então esta pesquisa de nível nacional este e um dado bastante relevante como mostra a tabela a seguir:

Tabela 2 - Percepção do professor em relação às condições bibliográficas da biblioteca nas escolas onde atua.

| | Frequência | % |
|--|-------------------|------------|
| A biblioteca atende plenamente à necessidade da disciplina | 57 | 10,4 |
| A biblioteca não possui livros de Sociologia | 78 | 14,2 |
| A biblioteca possui poucos livros de Sociologia | 382 | 69,5 |
| Não há biblioteca na instituição | 33 | 6,0 |
| Total | 500 | 6,0 |

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos questionários aplicados em 2013. BODART e SILVA (2016)

Estes dados mostram que existem muitas realidades, onde o professor de uma disciplina recente como a Sociologia, que nem sequer oferece um conjunto mínimo de conteúdos a serem trabalhados nas aulas, não pode contar com o apoio do livro didático para planejar suas aulas o que, com certeza, reverbera na qualidade do trabalho desenvolvido, pois sabemos que o livro didático, quando bem utilizado, é uma importante ferramenta para auxiliar o professor no processo de Ensino, pois com o uso responsável desta ferramenta com certeza o professor desenvolverá aulas bem interessantes e produtivas.

Autores como Bodart e Silva (2016) afirmam que a intermitência da Sociologia enquanto disciplina na fase média de ensino prejudicou a consolidação desta disciplina e que, por consequência disto, o recente retorno da mesma constitui um fenômeno problemático, seja pela falta de profissionais com formação de boa qualidade na área, seja pela ausência de consenso entre quais conteúdos devem ser trabalhados, ou por várias outras questões:

O retorno recente da Sociologia ao Ensino Médio brasileiro foi bastante problemático. Se, por um lado, existiam, em 2008, 23.561 escola de Ensino Médio que implantariam a disciplina no ano seguinte, por outro, a formação do licenciado em Sociologia era bastante deficitária. Os anos de exclusão dessa disciplina induziram muitas universidades, devido à falta de mercado de trabalho, a fecharem os cursos de licenciatura, mantendo apenas o bacharelado. Além disso, havia uma questão importante em debate: quais conteúdos de Sociologia ensinar no Ensino Médio?(Moraes, 2011 apud BODART E SILVA, 2016, p.170).

Lennert (2011) afirmou que “é necessário consolidar a inclusão da disciplina no Ensino Básico, sobre tudo, oferecendo condições de trabalho adequadas e proporcionando condições materiais melhores.” (apud BODART e SILVA, 2016, p.182).

Bodart e Silva (2016) ressaltam que as condições e oportunidades dadas aos docentes de Sociologia ainda estão muito aquém do necessário para uma prática docente "decente", capaz de criar discentes e não "dissidentes".

Esta mesma pesquisa também revela dados que dizem que uma das grandes dificuldades encontradas pelos profissionais de Sociologia é o fato de ter que lecionar em mais de uma instituição, o que segundo os pesquisadores é muito prejudicial para a qualidade do trabalho docente, pois segundo eles, tendo que se deslocar de uma escola para outra os professores sofrem vários prejuízos que vão desde a perda de tempo no trajeto e aumento de quantidade de planos de aulas diversificados, por conta das diferentes realidades dos educandos, até o choque entre as diferentes culturas organizacionais das escolas, o que afetará a qualidade do trabalho desenvolvido pelos mesmos.

Lennert (2011) reforça que trabalhar em mais de uma instituição acarreta em problemas para o professor:

A transição do professor de uma escola para outra, seja lecionando em duas, seja em mais escolas no mesmo ano, ou para uma nova escola a cada ano, pode impossibilitar que sua identidade seja reconhecida pelos demais (Lennert, 2011 apud BODART e SILVA, 2016, p.186).

Bodart e Silva (2016), ainda nesta mesma pesquisa, constataram que além da deficiência da profissionalização inicial, existem limitações que concernem à formação continuada do professor de Sociologia, pois observando o grau de participação em eventos identificou que mais de 26% dos professores desta disciplina não participam de nenhuma programação acadêmica, fato este que demonstra as dificuldades de atualização de mais de um ($\frac{1}{4}$) dos professores de Sociologia que participaram desta pesquisa.

Confira na tabela a seguir que no Brasil 46,65% dos professores que lecionam Sociologia trabalham em duas ou mais instituições de ensino ao mesmo tempo, ou seja, podemos encontrar nestes dados a resposta do porque da ausência destes profissionais em

eventos acadêmicos e também o baixo índice de participação destes em formações continuadas.

Tabela 3 - Número de escolas em que o professor de Sociologia leciona.

| Quantidade de Instituições | Frequência | % |
|----------------------------|------------|-------------|
| 1 | 294 | 53,45% |
| 2 | 171 | 31,09% |
| 3 | 59 | 10,73% |
| 4 | 17 | 3,09% |
| 4 | 3 | 0,55% |
| Mais de 5 | 6 | 1,09% |
| Total | 550 | 100% |

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos questionários aplicados em 2013. BODART e SILVA (2016)

Lennert (2011) "apontou uma necessidade de uma jornada de trabalho semanal não elevada para que o professor de Sociologia possa ter tempo para planejar bem suas aulas." (apud BODART e SILVA, 2016, p.182).

Para Bodart e Silva no caso da Sociologia, esse tempo de planejamento é de grande relevância por conta da carência de indicações de conteúdos mínimos, material pedagógico e métodos de Ensino consolidados.

Tabela 4 – Distribuição dos questionados por quantidade de aulas lecionadas por semana.

| Quantidades semanais de aulas | Frequência | % |
|-------------------------------|------------|------|
| 4 ou menos | 61 | 11,1 |
| Entre 5 e 8 | 74 | 13,5 |
| Entre 9 e 12 | 67 | 12,2 |
| Entre 13 e 16 | 55 | 10 |
| Entre 17 e 20 | 61 | 11,1 |
| 21 a 24 | 52 | 9,5 |
| 25 a 28 | 56 | 10,2 |
| 29 a 32 | 61 | 11,1 |
| 33 ou mais | 63 | 11,5 |

| | | |
|--------------|------------|------------|
| Total | 550 | 100 |
|--------------|------------|------------|

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos questionários aplicados em 2013. BODART e SILVA (2016)

Por meio desta pesquisa Bodart e Silva constataram que 52% dos professores de Sociologia lecionam mais de 20 aulas por semana, e que um percentual superior a 32% dos professores que lecionam Sociologia têm mais de 25 aulas semanais o que com certeza dificulta suas práticas docentes e formação continuada, como também a elaboração de planos de aulas e leituras básicas para manterem-se informados e aprofundarem seus conhecimentos. Estes mesmos autores ainda colocam que o grande número de aulas a serem lecionadas semanalmente dificulta o planejamento e por muitas vezes leva o docente a apoiar-se por completo no livro didático, o que acaba sendo um prejuízo na qualidade do Ensino.

Bodart e Silva dizem ser consenso que a atuação docente em mais de uma instituição de Ensino é bastante prejudicial à sua prática docente.

Lennert (2011) "ao discutir a questão do tempo gasto na prática docente, deixa claro que o planejamento das aulas sendo afetado, o professor não disporá de condições adequadas para desenvolver aulas atrativas." (apud BODART e SILVA, 2016, p.185 a 186).

Coan (2006) levanta outra discussão interessante, com relação ao uso dos livros didáticos, pois ele coloca que aparentemente o livro didático tem uma tarefa importante a realizar no campo educacional, sobretudo como fonte de informação, estímulo ao espírito crítico, caminho para ajudar a revelar o mundo como ele é, mas que se for feita a utilização sem a devida reflexão, pode conduzir ao oposto e, de um bom recurso educacional, poderá torna-se um dos grandes males da educação escolar.

Ainda de acordo com Coan (2006), o livro didático, ao mesmo tempo em que pode ser um instrumento valioso, apresentar uma síntese bem escolhida, organizada com lógica, seleção de bons conteúdos para cada área, e boas propostas de exercício, dinâmicas, intertextos, pode também se tornar fonte de limitação na construção do conhecimento.

Dias (2012) enfatiza que são vários os "desafios" encontrados na implantação do Ensino de Sociologia no Ensino Médio e que entre eles os mais comuns são, por exemplo, o desenvolvimento de metodologias e práticas que auxiliem na tradução dos conteúdos apreendidos no Ensino Superior de Ciências Sociais para o contexto escolar, ou seja, não pode haver uma mera transposição do conteúdo trabalhado no Ensino Superior para o Ensino Médio sem que aconteça uma adaptação de linguagem adequada.

Com relação à transmissão do conhecimento alguns autores como Guimarães (2014) afirmam que a forma como será feita a transmissão do conhecimento possui importância igual ou até maior do que o próprio conteúdo a ser transmitido:

[...] torna-se, assim, mais importante a maneira pela qual os conhecimentos são transmitidos do que o conteúdo de transmissão (Fernandes, 1954, p. 95 apud GUIMARÃES, 2014, p.23).

Esta mesma intelectual ainda ressalta que, pouco vai adiantar a preparação ou formação do professor para ensinar Sociologia, se não houver a utilização da linguagem adequada e a adequação do objeto e conteúdo para aquela fase de Ensino:

"Pouco adianta o preparo docente para o ensino da disciplina sem adequação da linguagem, de objeto e de conteúdo ao público alvo." (GUIMARÃES, 2014, p. 23).

Sobre esse "desafio" e a necessidade do uso da linguagem adequada Andrade (2012) citando as OCN'S afirma ser esse um dos problemas enfrentados pelos docentes e que por muitas vezes acaba-se ocorrendo apenas à mera transposição dos conteúdos de nível superior para o nível médio, pois devemos lembrar que não são apenas os conteúdos que importam, mas que, igualmente o conteúdo, a forma da medição do mesmo é de grande importância para o alcance do melhor resultado ao final:

O Ensino de Sociologia enfrenta alguns problemas, sendo o principal destes a transposição de conteúdos e práticas do ensino das ciências sociais no nível superior para o ensino de sociologia no ensino médio. As dificuldades didáticas enfrentadas por professores no ensino superior muitas vezes refletem em seus alunos no ensino médio. Não é só o conteúdo que importa, mas, sobretudo a mediação como se apresenta esta mensagem, existindo uma falha importante em uma dimensão do ensino – "é a percepção sobre o modo de exposição ou a linguagem com que se apresenta este ensino" (ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO, p. 109, 2006 apud ANDRADE, p.04).

Ainda se tratando do uso da linguagem adequada, Guimarães (2014) defende que a mediação pedagógica entre o conhecimento sociológico e os alunos se faz tão mais necessária quanto mais diverso é o público para o qual se está lecionando e que é importante atentarmos à necessidade de traduzir o conhecimento sociológico de forma significativa para os jovens. Para tanto, a utilização de recursos, de estratégias, de práticas de Ensino que extrapolem os procedimentos tradicionais de sala de aula, não podem sofrer resistências, ou ser vistas com preconceito pelos professores do Ensino Médio, mas sim serem bem recebidas pelos mesmos como algo que vem somar ao conhecimento deles, pois será esse fazer escolar diário da sala de aula que vai possibilitar aos jovens compreender e conferir significado àqueles recortes sociológicos, e que, portanto, mediar conhecimento é reconhecer o caráter científico da disciplina no nível médio:

Reconhecer a especificidade dos limites entre a ciência e a disciplina Sociologia é estar atenta à necessidade de traduzir o conhecimento sociológico de forma

significativa para os jovens. A utilização de recursos, de estratégias, de práticas de ensino que extrapolem os procedimentos tradicionais de sala de aula, não pode sofrer resistências, ou ser vista com preconceito pelos professores do ensino médio. É esse fazer escolar diário da sala de aula que vai possibilitar aos jovens compreender e conferir significado àqueles recortes sociológicos, previamente selecionados para compor a escolaridade da disciplina Sociologia. A mediação pedagógica entre o conhecimento sociológico e os alunos se faz tão mais necessário quanto mais diverso é o público para o qual se está lecionando. Mediar conhecimento é reconhecer o caráter científico da disciplina no ensino médio para transformar os saberes escolares que tenham significado para os jovens (GUIMARÃES, 2014, p.23).

De acordo com outros autores, como Neto e Maçaira (2012) aos professores de Sociologia são reservados, no mínimo, dois grandes problemas, estando um voltado à questão da ordem temática e o outro relacionado à forma de transmissão do conteúdo:

"[...] os professores de Sociologia têm pelo menos dois grandes desafios pela frente: um de ordem temática, que diz respeito ao tratamento dado aos conteúdos e aos autores que devem figurar nos programas do curso; e outro de natureza prática ou metodológica, relativo à forma como o conteúdo pode ser transmitido." (NETO e MAÇAIRA, 2012, p.223)

Guimarães (2014) diz que todos os professores precisam entender que é de grande relevância possuírem total domínio da teoria sociológica, pois esse domínio contribuirá para a estimulação da participação dos alunos durante as aulas, porque possuindo-se o domínio de conteúdo o professor conseguirá fazer com que as discussões permaneçam no campo das generalizações científicas, pois, caso contrário, acabarão sendo simples trocas de opiniões, o que não seria tão interessante:

Dominar a teoria sociológica é fundamental para o professor do ensino médio, estimular a participação em sala de aula, a partir de reflexões que levem os alunos a analisar, objetivamente, o mundo que os cerca, livre de preconceitos, de concepções cristalizadas pelo senso comum. Esse domínio teórico possibilita que as discussões se mantenham no campo das generalizações científicas e não se resvalam para o terreno das discussões vazias, tornando-se meras trocas de opiniões pessoais. O conhecimento sociológico acaba se esvaindo, nessa ciranda de ignorância e preconceito. Sobra erudição, vocabulário complicado e uma disciplina que frustra as expectativas dos alunos. A pergunta "para que sociologia?" torna-se, então, cada vez mais frequente. Ainda que à formação docente se exija o rigor teórico e conceitual das Ciências Sociais, o professor precisa sensibilidade e criatividade para não transformar a sala de aula em um espaço sem interesse para o aluno, lócus de reprodução das argumentações teóricas da graduação (GUIMARÃES, 2014, p. 24 e 25).

De acordo com tudo que vimos até aqui é possível notar que muitos são os intelectuais que tratam da questão dos "desafios" no Ensino de Sociologia. No entanto, cada autor possui sua maneira particular de abordar e elaborar suas questões. Desta forma, apresenta-se uma gama imensurável de "desafios", fato este que torna inviável a abordagem de todos estes num único trabalho. Por tal motivo, será feita uma seleção de alguns dos "desafios" citados acima para que possamos discorrer sobre os mesmos ao longo do presente trabalho. No entanto, de acordo com a OCN, a Sociologia enquanto disciplina para o Ensino Médio possui como

principal objetivo formar "o cidadão crítico", sendo então o papel central da Sociologia realizar a desnaturalização das concepções formadas de mundo e, também, o estranhamento dos fenômenos sociais que ocorrem no nosso cotidiano, sendo este o objetivo desta ciência enquanto disciplina. Cabe, então, ao professor de Sociologia, o grande "desafio" de mostrar ao seu alunado que a sociedade é uma construção humana, passível de transformação e assim fazer-se cumprir o que é esperado da Sociologia.

Fernandes (1954) muito antes da LDB elaborou os objetivos práticos da Sociologia. Isso aconteceu no ano de 1954 no primeiro encontro da SBS, onde ele ressalta que o papel da sociologia é:

[...] a formação de atitudes capazes de orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia de atividades baseadas em uma compreensão racional das relações entre os meios e os fins, em qualquer setor da vida social (FERNANDES, 1954 p. 90 apud GUIMARÃES, 2014, p.30).

Guimarães (2014) dá continuidade a essa reflexão de Florestan Fernandes sobre os objetivos da Sociologia acrescentando que através do conhecimento científico da Sociologia deve-se capacitar o aluno a fazer uma leitura racional, coerente e elaborada do mundo em que vive, afirmando que:

A preocupação com essa orientação do comportamento humano, com a formação de atitudes que reclamem racionalidade, harmonia, inteligibilidade compõem as responsabilidades do professor de Sociologia em relação aos jovens do ensino médio. Trabalhar esses valores, essas questões, não é transformar a sala de aula em um consultório de autoajuda. Pelo contrário, é recorrer a situações reais, palpáveis, marcadas pela contradição da vida em sociedade e que a Sociologia é capaz de discutir cientificamente em suas unidades, recorrendo a análises e conceituações, fruto de pesquisa e avaliações científicas. A atenção a esse caráter científico da Sociologia é fundamental para capacitar o aluno a fazer uma leitura racional, coerente e elaborada do mundo em que vive. Dentro das devidas proporções, o professor tem condições de despertar nos jovens essa capacidade, provocando o estranhamento e a desnaturalização em relação aos problemas sociais cotidianos. Atormentar o raciocínio do aluno com teorizações complexas e distantes de seu interesse, muitas vezes, mera transposição das aulas que ele teve no ensino superior, e que não fazem nenhum sentido para o nível médio, está fora de cogitação. A proposta é fazer uso do conhecimento científico para provocar o estranhamento e a desnaturalização em relação às questões sociais que estão mais próximas do jovem, e que assumem significado em sua vida, exercitam sua sensibilidade em relação às contradições sociais que o aguardam no mundo fora da escola (GUIMARÃES, 2014, p.30 a31).

Ainda de acordo com Guimarães (2014), o Ensino Médio caracteriza-se por uma etapa de escolarização que deve possibilitar ao jovem o aprendizado de atitudes de tolerância, o combate aos preconceitos, à percepção dos costumes, das tradições e de superação do senso comum, por meio do pensamento crítico e racional:

O Ensino Médio caracteriza-se por um período da vida do jovem que lhe possibilita apurar o aprendizado de atitudes de tolerância, combate aos preconceitos, de percepção dos costumes, das tradições e de superação do senso comum, por meio do pensamento crítico e racional (GUIMARÃES, 2014, p. 31 a 32).

Quando se refere ao principal objetivo da Sociologia no Ensino Médio Guimarães (2014) relata que a frase "formar o cidadão crítico" soa como uma sentença sobre os ombros dos professores de Sociologia, como se fossem eles os principais e únicos responsáveis por essa formação e como se essa também não fosse de responsabilidade das demais disciplinas e, além disso, como se não fosse necessária a presença da família e do Estado nesta complexa tarefa:

[...] texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), transformado no clichê: formar o cidadão crítico (BRASIL, 1998). Profissionais da Educação de outras áreas, particularmente, repetem essa expressão, que assume caráter metafísico, dada a falta de consistência e da argumentação teórica, e soa como uma sentença sobre os ombros dos professores de Sociologia, como se fossem eles os principais responsáveis por essa formação; como se essa responsabilidade não devesse ser compartilhada com os demais conteúdos programáticos, além da família e do Estado. A essa responsabilidade imputada às Ciências Sociais, impõe-se a indagação sobre as perspectivas de escolaridade que se apresentam a esses jovens e que são determinantes para a docência da disciplina (GUIMARÃES, 2014, p. 28).

Ao tratar de qual seria a principal tarefa da Sociologia no Ensino Médio, Guimarães (2014) defende que essa disciplina possui como função despertar no aluno a capacidade de estranhar e desnaturalizar os fenômenos sociais, e questionar porque que alguns fenômenos encontram-se cristalizados e assim buscar formas racionais de desconstruir os argumentos do senso comum.

[...] Objetivamente, ser capaz de provocar no aluno a desnaturalização e o estranhamento é o compromisso principal da disciplina nesse nível de ensino. Sob o ponto de vista pedagógico, essa provocação configura-se como uma necessidade e torna-se condição determinante para qualquer tipo de metodologia ou de recorte que o professor tenha em mente ao ensinar a disciplina. A desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais é o ponto de partida para qualquer planejamento pedagógico da disciplina. Pensar a realidade como uma construção social, significa, em termos da prática de sala de aula, fazer uso da racionalidade para desconstruir os argumentos utilizados pelo senso comum, que explicam a vida em sociedade como um processo natural (GUIMARÃES, 2014, p. 25 e 26).

Guimarães (2014) dá continuidade a essa questão dizendo que, em sala de aula o professor deve procurar desnaturalizar o que os seus alunos veem como cristalizado e estranhar os fenômenos sociais, ou seja, despertar nesses jovens um olhar treinado para problematizar questão com as quais já estão acostumados presenciar no cotidiano:

Em sala de aula a conduta docente de desnaturalizar concepções já cristalizadas pelo senso comum é uma de suas tarefas mais "delicadas", e, porque não dizer, antipáticas. Exige do professor o desmonte de argumentos popularmente "incontestáveis"; o rompimento com concepções aceitas como normais; a contrariedade em relação à expectativa de situações naturalmente esperadas até mesmo pelos jovens, despeito de toda energia renovadora da idade. Desnaturalizar é tratar os fenômenos sociais a partir de sua historicidade; é entender que a vida em sociedade não está dada: é o resultado da atividade humana. O estranhamento é a condição necessária para os jovens do Ensino Médio realizarem uma leitura sociológica do mundo. Estranhar os fenômenos sociais exige que o professor provoque inquietação na turma. Aguce o olhar dos jovens para problematizar questões com as quais eles convivem, que lhes são comuns no dia a dia ou mesmo

fazem parte dos noticiários. Reclamar dos alunos critério para desvendar a realidade, ousadia para abandonar as explicações já consagradas e elaborar respostas coerentes e racionais para os fenômenos sociais (GUIMARÃES, 2014, p.26 e 27).

Sobre o papel do professor, essa mesma autora afirma que este profissional deve procurar desenvolver no aluno, a capacidade de problematizar o mundo a sua volta utilizando-se do estranhamento e da desnaturalização como ferramentas chaves para essa atividade:

No Ensino Médio, um das responsabilidades do professor de Sociologia é desenvolver, no aluno, a capacidade de problematizar o mundo a sua volta. Incentivá-lo a perceber situações que fazem parte de sua convivência como, por exemplo, a falta de interesse do governo local em atender às demandas de sua escola ou seu bairro, ou ainda, a violência física, praticada, cotidianamente, no ambiente escolar. Provocar o estranhamento e a desnaturalização é desenvolver a sensibilidade do aluno para enxergar sociologicamente o mundo, a partir de diferentes questões que o cercam diariamente. Especificamente sobre essa sensibilidade, é preciso deixar claro que ela é de vital importância para o jovem conferir significado ao mundo em vive; o seu cultivo em sala de aula é o legado mais duradouro que a disciplina Sociologia pode deixar para o aluno (GUIMARÃES, 2014, p.27).

Ainda no que se trata do papel do professor de Sociologia, Guimarães (2014) deixa claro que sendo a maior contribuição desta disciplina para os jovens de Ensino Médio o desenvolvimento da sensibilidade necessária para a compreensão do mundo a sua volta, a partir de análises racionais e sistematizadas cabe como principal papel ao professor a tarefa de despertar essa sensibilidade de percepção dos fenômenos sociais.

O professor do nível médio precisa estar ciente desse legado que o saber sociológico reserva à disciplina, principalmente, porque a continuidade dos estudos para maioria dos alunos deste País não é uma certeza. Grande parte deles encerra ali a vida escolar, pelo menos essa tem sido a estatística das escolas públicas. Desenvolver no jovem a sensibilidade necessária para compreender o mundo a sua volta, a partir de uma análise racional e sistematizada do mundo que o cerca, é a maior contribuição da disciplina sociologia à educação básica (GUIMARÃES, 2014, p.28).

Para tanto, Santana (2014) afirma que o professor de Sociologia deve reconhecer seu lugar social enquanto agente responsável pela formação de cidadãos críticos e capazes de relacionar seu universo pessoal ao social, que percebam as atuais exigências dos problemas no mundo como parte de seus compromissos e suas preocupações:

Mais do que assumir o trabalho como professor é necessário ter clareza de que há necessidade hoje - e não para um amanhã hipotético - de educadores. Profissionais que reconheçam seu lugar social como responsável por formar cidadãos críticos capazes de relacionar seu universo pessoal ao social, que percebam as atuais exigências dos problemas no mundo como parte de seus compromissos e suas preocupações. Essa tarefa não é algo retirado da sensibilidade subjetiva dos indivíduos. Ela é desenvolvida com discussões, projetos e ações objetivas que refletem passos de intervenção na vida social de maneira compartilhada envolvendo e comprometendo diversos agentes sociais que devem possuir consciência das reais demandas contidas no âmbito de suas participações efetivas. Com as ferramentas precisas para praticar esta função segundo planejamentos, cronogramas com etapas e dimensões que conduzam à concretização da mudança desse panorama desanimador da educação estes educadores evidenciarão nitidamente seus papéis. Eles são heróis, salvadores solitários com ideias brilhantes em nome de uma causa perdida. Eles

atuam, organizam, sistematizam, compartilham e representam as ações coletivas, integrados e fomentadores críticos dos acordos estabelecidos. Constroem em conjunto uma nova sociedade (SANTANA, 2014, p.105 a 106).

Oliveira (2014) conclui afirmando que os professores encontram diversos "desafios" no Ensino de Sociologia e que estes vão desde a defasagem do Ensino Público e a ambiguidade posta entre a desvalorização e o prazer que representam a condição de ser professor, até "desafios" como a ausência de currículos institucionalizados ou materiais didáticos disponibilizados universalmente:

[...] Têm-se desafios diversos que agregam várias facetas e se remetem a conjunturas mais macros, como, por exemplo, a defasagem do ensino público e a ambiguidade posta entre a desvalorização e o prazer que representam a condição de ser professor. Ou, circunstâncias mais micros que dizem respeito, comumente, aos desafios de ensinar Sociologia e as dificuldades em torno de uma disciplina "nova", sem currículos institucionalizados ou materiais didáticos disponibilizados universalmente. (OLIVEIRA, 2014, p.166 e 167).

Levando-se em consideração tudo que foi colocado até aqui fica perceptível à imensa gama de "desafios" presentes no Ensino de Sociologia apontados pela discussão acadêmica acerca dessa questão em nível nacional. Portanto, sabemos que estes "desafios" são consequências de vários acontecimentos históricos pelos quais passou a Sociologia no percurso de busca de consolidação enquanto disciplina obrigatória na fase média de ensino, para que possamos compreender a que se deve esse leque infinito de "desafios", ou seja, para conhecermos o que alguns autores colocam como sendo uma das principais causas que culminaram para a maioria dos "desafios" encontrados no cenário atual do Ensino de Sociologia, no próximo capítulo evidenciaremos a trajetória percorrida pela Sociologia na busca por sua legitimação enquanto disciplina obrigatória no Ensino Médio no Brasil.

3 "DESAFIOS" ENCONTRADOS PELA SOCIOLOGIA NA BUSCA DA CONSOLIDAÇÃO ENQUANTO DISCIPLINA

O indivíduo só poderá agir na medida em que aprender a conhecer o contexto em que está inserido, a saber quais são suas origens e as condições de que depende. E não poderá sabê-la sem ir à escola, começando por observar a matéria bruta que está lá representada.
Émile Durkheim

Sabemos que a Sociologia brotou como a Ciência da Sociedade no início do século XIX, no entanto, a referida Ciência surgiu como resposta ao novo modelo de sociedade que se instaurava na Europa daquela época.

Como fruto desta nova sociedade também se consolidou o até então vigente modelo de sistema econômico, que se baseia na legitimidade dos bens privados e na liberdade de comércio e indústria, possuindo sempre como principal objetivo adquirir lucro, sendo então o mesmo denominado de Capitalismo.

Duas foram as grandes e principais revoluções que culminaram para o surgimento desta Ciência que trouxe em seu cerne o "desafio" de tentar compreender e explicar todo aquele caos que estava sendo vivenciado pelas sociedades do século XIX.

Começaremos então apresentando a Revolução Industrial que ocorreu na Europa do século XVIII, transformando radicalmente a estrutura social, pois com a substituição do

homem pela máquina, vários foram os problemas sociais que surgiram, ou seja, juntamente com a chegada da máquina a vapor também vieram inúmeros males de ordem social acometer principalmente aos menos favorecidos.

A outra Revolução foi a Francesa, que também aconteceu no século XVIII e ficou conhecida como um importantíssimo acontecimento na história da civilização, pois a mesma consolidou o fim do sistema absolutista e dos privilégios da nobreza, além de conquistar mais autonomia e respeito dos direitos sociais do povo.

No entanto, sabemos dos vários "desafios" encontrados no longo e árduo caminho traçado pela Sociologia na busca de sua consolidação enquanto disciplina obrigatória no Ensino Básico. Para tanto, tentarei fazer aqui uma breve contextualização das várias idas e vindas da Sociologia como disciplina no cenário educacional Brasileiro, como ressalta Mota (2005):

A trajetória da disciplina Sociologia no currículo do Ensino Médio brasileiro apresentou um histórico profundamente marcado por intermitências, podendo ser compreendido como um processo turbulento de presenças e de ausências no espaço escolar. A inconstância da Sociologia na escola de nível médio produziu debates também intermitentes, além de pesquisas fragmentárias e uma produção científica escassa, posto que são raros os trabalhos que tematizam significativamente sobre as questões relacionadas à inserção no currículo do nível de ensino mencionado (Mota, 2005 apud LIMA, 2014 p. 171).

Com relação a essa discussão sobre os "desafios" para a consolidação desta disciplina Silva (2007) coloca que:

O fato de ser um objeto pouco estudado, e portanto, necessitar de mais pesquisas, reflexões e delimitações de metodologias adequadas para a formulação de explicações que nos indiquem os sentidos do Ensino de Sociologia no Brasil, os estudos que já foram elaborados têm tentado encontrar formas de elucidar as relações entre educação e Ciências Sociais/Sociologia, ao longo da história de constituição do sistema de Ensino Brasileiro (SILVA, 2007, p.404).

Sobre o sentido do que leva a Sociologia a se constituir enquanto saber escolar Silva, (2007) relata que:

No campo de estudos das disciplinas, dos currículos, ou, na Sociologia do currículo podemos encontrar elementos que ajudem apreender os sentidos que levam à constituição da Sociologia como saber escolar. Como saber escolar ela pode sempre estar presente nos currículos em disciplinas tais como: História, Geografia, Literatura, entre outras; mas, como disciplina ela aparece, desaparece, reaparece, enfim tem um "lugar" instável, desconfortável e incerto. Isso pode ser explicado por vários motivos externos e internos ao campo das Ciências Sociais (SILVA, 2007, p. 405).

Segundo Moraes, (2011) o início da campanha pela obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio no Brasil, foi redefinido, como tendo início com Rui Barbosa e os "pareceres" de 1882-83, pois mesmo o projeto de Rui Barbosa não tendo sido lido nem aprovado, e também se referir à escola secundária brasileira, para a qual propunha o Ensino de Sociologia, teria mais importância em termos de reflexão em relação aos cursos superiores de Direito, ao

sugerir a substituição do Direito Natural pelo Ensino de Sociologia, mais consentâneo com a ideia de origem social do Direito Positivo. Assim, quer por não ter sido oficializada, quer pela não especificidade, os pareceres de Rui Barbosa têm importância relativa como um marco na história do Ensino de Sociologia na Escola Secundária Brasileira.

Este mesmo autor, ainda afirma que mesmo as iniciativas legais tendo sido malsucedidas, a Sociologia começou a entrar nas escolas, nos cursos complementares ou preparatórios e no curso normal, este de formação de professores primários. No começo, o Ensino de Sociologia tinha tanto um caráter cientificista quanto uma expectativa cívico-redentorista.

De acordo com Moraes, (2011) em 1925, com a Reforma Rocha Vaz (Decreto n. 16.782-A, de 13/01/1925), a Sociologia torna-se obrigatória nos anos finais dos cursos preparatórios. Embora sua efetividade ainda seja limitada pela autonomia dos Estados (Santos, 2004), já se tem uma situação de fato desenhada com a presença da disciplina nas escolas secundárias, indo a lei apenas consagrar oficialmente o que já parecia legítimo, em que pese à falta de dados quanto à abrangência de escolas, estados, professores e alunos.

Outra data importante colocada por Moraes (2011) foi 1931, ano da Reforma Francisco Campos (Decreto n. 19.890, de 18 de abril de 1931), onde a Sociologia passa a integrar o currículo da Escola Secundária Brasileira.

Ainda de acordo com Moraes (2011) dois anos depois, em 1933, apareceu o curso de Ciências Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP), de caráter especialmente técnico, de formação de quadros para a administração pública e privada (Limongi, 1995). Um ano depois, como dissemos, como parte da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), núcleo básico da USP (Antunha, 1984), é criado o curso de Ciências Sociais, voltado para “altos estudos” ou “estudos desinteressados” (idem, *ibid.*).

Moraes (2011) afirma que só em 1935, com a criação da Universidade do Distrito Federal, surge o terceiro curso de Ciências Sociais. Nenhum dos três cursos leva o nome exclusivo de Sociologia, que é uma das cadeiras, compondo, num primeiro momento com Ciência Política, e depois também com Antropologia, a organicidade das Ciências Sociais no Brasil. Por ter surgido depois da existência de Sociologia como disciplina do secundário, permanecerá por décadas essa distinção entre os cursos superiores (Ciências Sociais) e a disciplina de nível médio (Sociologia).

Em 1942, como coloca Moraes (2011), aconteceu a Reforma Capanema que coloca o fim na obrigatoriedade do Ensino de Sociologia na Escola Secundária. A data seguinte é a primeira LDB, n. 4.024/1961. Apesar de ter sido aprovada após 13 anos de tramitação no

Congresso, ou seja, bem ou mal, fruto de amplos debates, pressões e negociações, num período caracteristicamente democrático, não só não se previu o retorno da Sociologia para o colegial, como ainda não se fez alteração substancial em relação ao estabelecido na Reforma Capanema. Desse jeito, a Sociologia tornou-se uma disciplina opcional entre mais de uma centena, mantendo-se excluída de fato do currículo. Porém entre 1964 e 1971, vigorou a Lei n. 4.024/61, não afetando nem positiva nem negativamente o status da Sociologia na Escola Secundária (colegial).

De acordo com Moraes (2011), a Sociologia retorna à Escola Secundária em 1980, ou seja, quatro décadas depois de sua efetiva exclusão do currículo. No entanto, esse retorno está associado ao período de redemocratização da sociedade brasileira e aconteceu na sequência de uma mudança na legislação educacional realizada pelo próprio governo militar, pois a Lei n. 7.044/82 flexibilizava a obrigatoriedade do 2º grau profissionalizante, abrindo espaço para uma Escola Média de caráter formativo geral (Moraes, 2003a). Após isto o estado de São Paulo, que já recomendava a inclusão da Sociologia no currículo de algumas séries (Resolução SEE/SP n. 236/83), amplia a legitimidade da disciplina, realizando concurso público, nomeando equipe técnica a partir do recrutamento de professores que atuavam na rede pública e editando uma primeira proposta programática para a disciplina, reconhecendo, ainda que limitadamente, a sua importância na formação dos estudantes.

Como relatado por Moraes (2011), com o passar do tempo, boa parte das unidades da Federação haviam incluído a disciplina de Sociologia no currículo de suas escolas, formalmente em leis ou até mesmo nas Constituições Estaduais, porém havia momento que a Sociologia estava em todas as séries, outro momento em apenas uma delas, ou em alguns momentos em todas as escolas, em outros só naquelas que decidissem incluí-la, com isso foi criando-se então uma expectativa de legitimidade através de sua obrigatoriedade. Sendo então, novamente realizado concurso para professores de Sociologia no estado de São Paulo em 1993. Porém, com a mudança de governo em 1994, começa a haver uma “reestruturação da rede pública” em São Paulo, com o objetivo de reduzir o tamanho e conseqüentemente economizar recursos. Isso, que na época se chamou de “racionalização”, efetivou-se, por exemplo, à custa da diminuição da grade curricular no período diurno (de 30 para 25 aulas/semana) e no noturno (de 25 para 20 aulas/semana). Com isso a disciplina Sociologia acabou muito prejudicada, pois em muitas escolas aconteceu à maior valorização dada pela tradição às outras disciplinas, em especial de Língua Portuguesa e Matemática. No entanto, em outros Estados, como Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, mantém-

se ao menos uma situação estável, com concursos, propostas curriculares e experiências de formação de professores.

Moraes, (2011) expõe que o ano de 1996 torna-se importante para a educação brasileira, pois marca a chegada, ainda que tardia, da transição democrática para a educação, embora também um tanto ambígua. O projeto de LDB que vinha tramitando no Congresso Nacional desde 1988, de relatoria do deputado Jorge Hage, por efeito de várias manobras, acaba abandonado e em seu lugar é aprovado o substitutivo do senador Darcy Ribeiro, que é sancionado sob denominação de LDBEN n. 9.394/96 (Otranto, 1996). Nesta lei, Sociologia é nomeada claramente, junto com Filosofia; no entanto, o tratamento a ser dado a ambas permanece obscuro na expressão “domínio de conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (Lei n. 9.394/96, art. 36, § 1º, III). No entanto, já em 1997, por iniciativa do deputado federal Padre Roque Zimmerman (PT-PR), começa a tramitar na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei (PL) n. 3.178/97, visando à alteração do artigo 36 da LDB, dando-lhe uma redação menos ambígua, propondo explicitamente que Filosofia e Sociologia fossem disciplinas obrigatórias no Ensino Médio.

Moraes (2011) ressalta que dificilmente será bem-sucedida a inclusão de temas referentes a estes campos (Sociologia e Filosofia) pelas outras disciplinas, com docentes que não tenham a formação plena e adequada para o cumprimento dessa tarefa. Daí ser insatisfatório o texto da atual LDB.

De acordo com Moraes (2011), o projeto é aprovado na Câmara e segue para o Senado, onde recebe o n. 09/00. Tramitando assim no Senado sem grandes dificuldades até chegar ao Plenário. Apesar das manobras do governo que se opunha frontalmente ao projeto, este é aprovado em 18 de setembro de 2001. Menos de um mês depois, o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, veta integralmente, com a justificativa de que:

(...) o projeto de inclusão da Filosofia e da Sociologia como disciplinas obrigatórias no currículo do ensino médio implicará a constituição de ônus para os estados e o Distrito Federal, pressupondo a necessidade da criação de cargos para a contratação de professores de tais disciplinas, com a agravante de que, segundo informações da Secretaria de Educação Média e Tecnológica, não há no país formação suficiente de tais profissionais para atender à demanda que advirá caso fosse sancionado o projeto, situações que por si só recomendam que seja vetado na sua totalidade por ser contrário ao interesse público. (Presidência da República, 2001 apud MORAES, 2011, p.369 a 370)

Segundo Moraes, (2011) para se entender melhor o veto do Presidente, o Conselho Nacional de Educação (CNE) regulamentou os artigos da LDB referentes ao Ensino Médio com a edição das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM), Parecer CNE/CEB n. 15/98 e Resolução CNE/CEB n. 03/98. Nesses documentos, ficou estabelecido

que o tratamento a ser dado aos conhecimentos da Sociologia e Filosofia seria interdisciplinar, o que reforçou a campanha pela aprovação do projeto do Padre Roque, que ia em sentido contrário. De acordo com as DCNEM, as escolas poderiam diluir os conhecimentos de Sociologia nos conteúdos de outras disciplinas, mesmo porque, segundo a concepção que sustentava tal parecer, tais disciplinas já contemplavam aqueles conhecimentos e – certamente a principal razão – pretendia-se transitar para um currículo o menos “disciplinarizado” possível, haja vista a organização por áreas de conhecimentos que as Diretrizes propunham para a Escola Média. Finalmente após tantas idas e vindas em de 2 de junho de 2008, a Sociologia se tornou obrigatória para todas as séries do Ensino Médio, isto com base na aprovação da lei número 11.684:

[...] diante da obrigatoriedade da disciplina Sociologia no currículo do Ensino Médio, questões de ordem didático-pedagógicas se impõem, tendo em vista que a intermitência desta disciplina, neste nível de ensino, impossibilitou a construção de uma base mínima de conteúdos que expressem a especificidade do conhecimento sociológico, bem como "emudeceu" o diálogo entre os profissionais da área, dificultando as discussões sobre os processos de ensino e de aprendizagem necessárias à satisfatória adequação do saber sociológico às finalidades do Ensino Médio (LIMA, 2014, p.175).

De acordo com tudo que foi relatado até aqui fica perceptível quão árduo vem sendo o caminho percorrido pelos profissionais desta disciplina na busca pela institucionalização da mesma. Sobre este fato Santana (2014) acrescenta o seguinte:

Nos recentes debates em Encontros e Congressos no Brasil envolvendo o exercício sociológico, sobretudo, na área da educação, são inúmeras as constatações acerca, ainda hoje, da dificuldade enfrentada pela ciência *Sociologia* - propriamente, as *Ciências Sociais* - para ser incorporada ao cotidiano da escola e da sociedade. Receio de setores conservadores de que esta seja uma disciplina doutrinadora de ideias subversivas, rejeição de muitos a uma área que não cessa de fazer críticas ao contexto social, considerando sua produção intelectual um conhecimento nulo para o mercado, são apenas alguns sinais de negativa social pragmática desinformada. Como se não bastasse, também entre os seus aliados e os apáticos que convivem com suas reflexões, não há demasiada concordância. Ao seu redor, reproduzem-se inúmeros pré-conceitos que, ao contrário de buscar compreender sua lógica, acabam simplesmente por hostilizá-la. Os poucos que insistem e descobrem sua problemática, ao menos demonstram mudanças em suas vidas (SANTANA, 2014, p.69).

Segundo Santana (2014) estes e muitos outros elementos acabem causando graves consequências à Sociologia enquanto disciplina, pois o desinteresse da juventude em escolher a licenciatura é muito visível e isto nada mais é do que as consequência advindas dos longos períodos de intermitência desta disciplina no currículo educacional como percebe-se na citação a baixo:

[...] Uma das mais evidentes, diz respeito ao desinteresse da juventude pela escolha da licenciatura na vida profissional. Essa baixa procura pelo campo do magistério tem sido uma das principais preocupações do MEC nos últimos anos. Segundo pesquisa da Fundação Carlos Chagas, constata-se que apenas 2% dos jovens querem cursar pedagogia ou alguma licenciatura. Na avaliação de especialistas, além de

haver carência de professores qualificados em diversas áreas, tanto os baixos salários quanto as más condições de infraestrutura e gestão em escolas públicas, desmotivam a busca pela carreira (SANTANA, 2014, p.80).

De acordo com Santana (2014), outra grave consequência sofrida pelos cursos de licenciatura em Ciências Sociais é o alto índice de evasão como veremos na citação a seguir:

A evasão nesses cursos também inquieta. No Rio Grande do Norte, as áreas de humanidade são as que apresentem os maiores índices de e o curso de "Ciências Sociais" na UFRN não foge à regra. Conforme tabela elaborada pela própria universidade sobre o fluxo de vagas nos cursos, verifica-se que no ano de 2012, o percentual de perdas de estudantes no bacharelado foi de 50%, enquanto que na licenciatura este chegou a 80%. Avanço da valorização tecnicista, falta de perspectivas profissionais diante do receoso e restrito campo de trabalho, dificuldade em focar os objetos de análise do curso. São várias as razões aventadas para explicar os resultados expostos. Juntam-se a esse quadro outros similares nas demais licenciaturas e instituições de ensino no país. Reconheça-se que a última década, social e politicamente a falta de recursos públicos (econômicos, material humano), contribuiu para a expansão de políticas privatistas. Note-se que o aumento dos apelos extraescolares oriundos dos inúmeros encantos de alta tecnologia eletrônica atrai estudantes para maneiras de aprendizados desvinculadas do compromisso ético de educar para a cidadania no Brasil. Apenas com esses fatores, já seria possível visualizar porque órgãos governamentais ligados à educação como a CAPES, viram-se na obrigação de tomar medidas mais programáticas em médio prazo e criar um programa como o PIBID (SANTANA, 2014, p.81).

Ainda de acordo com Santana (2014), na perspectiva de modificar esse cenário da licenciatura e assim recuperar a credibilidade da importância do professor enquanto agente transformador surgiu o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, para incentivar a permanência nos cursos de licenciatura, como podemos perceber no trecho a seguir:

Desse modo, tanto na perspectiva de alterar esse panorama quanto recuperar a credibilidade da importância do professor como agente transformador responsável pelos rumos éticos e qualificados dos futuros trabalhadores no país, um importante pressuposto desse Programa, sustenta que antes de qualquer ação mais efetiva na sociedade - essa representada objetivamente na educação via escola deve-se investir e garantir que o licenciado tenha assegurado em sua área de formação a experiência adequada em todos os sentidos de ensino. Diferente do estágio supervisionado, no PIBID a prioridade está na geração de novas formas de aprendizado restringindo-se ao bolsista a prática de ministrar aulas regulares. Com recursos metodológicos e conceituais adequados para atuar na comunidade e não apenas na área da docência escolhida, os profissionais entenderão suas atribuições e as necessidades da realidade escolar e social em que estiverem inseridos (SANTANA, 2014, p. 82).

Percebe-se que a Sociologia, enquanto disciplina para fase média de ensino passou por longos períodos de intermitência o que vários autores, como já foi discutido no capítulo anterior deste trabalho, colocam como sendo a causa principal da grande maioria dos "desafios" encontrados pelos profissionais desta área hoje. Contudo, as várias idas vindas desta disciplina culminaram para que o histórico da Sociologia no Ensino Médio fosse um processo marcado por grande instabilidade. Outra questão que é de grande relevância para a compreensão dos "desafios" do Ensino de Sociologia é o conhecimento sobre o que os marcos regulatórios vem propondo e também trazendo de "desafios" para esta jovem disciplina. Por

tal motivo, a seguir nos situaremos um pouco sobre o que são esses marcos regulatórios e o que eles propõem com "desafios" para a Sociologia no Ensino Médio.

3.1 "DESAFIOS" PROPOSTOS POR PCN, DCN, OCN, LDB E BNCC À SOCIOLOGIA.

Bebendo na fonte de Osório e Sarandy (2016) para discorrer sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, e as Diretrizes Curriculares Nacionais, sendo estas as normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de Ensino, normalmente formuladas como Resoluções do Conselho Nacional de Educação, e aqueles documentos que estabelecem referências e critérios para a organização curricular da Educação Básica e para a prática pedagógica podemos citar o seguinte:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) constituem documentos de caráter normativo, porém sem força de lei, que pretenderam padronizar o ensino formal no Brasil, estabelecendo referências e critérios para a organização curricular da Educação Básica e para a prática pedagógica. Esses documentos, que integram a Reforma Educacional da década de 1990, começaram a ser elaborados em 1995 e foram concluídos em 1997 sob a gestão de Paulo Renato Souza à frente do Ministério da Educação, durante o governo Fernando Henrique Cardoso, sob a coordenação de Guiomar Namó de Mello. Já as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) são as normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino, normalmente formuladas como Resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE) (OSÓRIO e SARANDY, 2016, p.61).

Já sobre as Orientações Curriculares Nacionais Osório e Sarandy (2016) afirmam que:

As Orientações Curriculares Nacionais (OCN) constituem documentos que pretenderam responder ao fracasso dos PCN como política governamental e como referência normatizante da educação na sociedade brasileira. Elaborados a partir de seminários de análise das DCN e PCN, organizados pelo MEC em 2004 e publicados em 2006 no governo Luiz Inácio Lula da Silva, tiveram como autores Amaury Cesar Moraes, Elisabeth Guimarães e Nelson Dacio Tomazi (OSÓRIO e SARANDY, 2016, p. 65).

Por fim com relação à Base Nacional Comum Curricular Osório e Sarandy (2016) dizem ser este um documento que tem por objetivo unificar o a organização curricular do nosso país, como afirma a seguir:

Trata-se de documento previsto na legislação educacional brasileira e segue a mesma lógica dos documentos discutidos anteriormente, a saber, a de padronizar a organização curricular brasileira, no caso atual, pela adoção do modelo de organização curricular por competências. A Base Nacional Comum Curricular foi

divulgada pelo MEC em torno de setembro de 2015 e forma o conjunto mais recente de documentos aqui analisados. Nesse sentido, acreditamos que, a despeito de seu objetivo ser distinto do almejado pelos documentos anteriores, ele poderia ter incorporado as críticas efetuadas aos PCN e às OCN" (OSÓRIO e SARANDY, 2016, p.67).

Quando se trata da relação entre os marcos regulatórios e contribuição da Sociologia enquanto disciplina Sarandy (2001) afirma que:

Ora, é evidente a contribuição da Sociologia no que tange à “compreensão das práticas sociais”, à “preparação básica para o trabalho” e ao “exercício da cidadania” ou, ainda, para o desenvolvimento de uma estética da sensibilidade, uma política da igualdade e uma ética da identidade. Exatamente devido a essa compreensão, a LDB, em seu artigo 36, estabelece que “ao final do Ensino Médio o educando demonstre (...) domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania”; também a resolução nº 3/98, em seu artigo 10, inciso i, parágrafo 2º, diz que “as propostas pedagógicas das escolas deverão assegurar tratamento interdisciplinar e contextualizado para (...) conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania”; por fim, podemos acrescentar, os PCNs (Ensino Médio, volume 4, na página 11) orientam que “o objetivo foi afirmar que conhecimentos dessas (...) disciplinas são indispensáveis à formação básica do cidadão, seja no que diz respeito aos principais conceitos e métodos com que operam, seja no que diz respeito a situações concretas do cotidiano social (SARANDY, 2001, p.03).

Sobre as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da Lei de Diretrizes Bases Sarandy (2001) afirma que estes documentos definem a contribuição da Sociologia enquanto disciplina para o Ensino Médio. Porém, os mesmos não dão muita importância à discussão metodológica e pouco orienta para uma didática apropriada ao Ensino da Sociologia:

As orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da LDB de 1996 são, sem dúvida alguma, fonte de importantes reflexões. E definem de modo claro a possível contribuição da sociologia enquanto disciplina do nível médio, bem como fornecem um programa de estudos completo por meio de palavras-chave constituídas de conceitos das Ciências Sociais mesmo que, até por falta de tradição das Ciências Sociais nos meios escolares, os PCNs não dêem muita importância à discussão metodológica e pouco orientem para uma didática apropriada ao ensino dessas disciplinas (SARANDY, 2001, p.03).

Sabemos que dentro desta discussão muito também se fala sobre as Propostas Programáticas desta disciplina, e sobre isto Moraes (2014) diz o seguinte:

Essa questão que causou certo alvoroço logo que foram publicadas as OCEM-Sociologia, hoje tem-se arrefecido. Num primeiro momento, em vista de as OCEM terem permanecido no horizonte das "orientações", houve uma cobrança que se manifestou em debates, eventos e mesmo textos acadêmicos sobre a necessidade de estabelecermos uma proposta programática única para o País. A par das críticas à direita contra a obrigatoriedade do Ensino de Sociologia - de que OCEM certamente representariam um passo importante dado a sua consistência -, levantaram-se essas críticas à esquerda contra "a ausência de um posicionamento" das OCEM. Interessante notar que o "conteúdo" esperado por esses críticos era justamente o "conteúdo" denunciado por aqueles outros. Explico-me: se a esquerda reclamava que as OCEM não deveriam permanecer nos limites de orientações teórico-metodológicas, ou que não se satisfizesse em ser uma proposta iluminista de alfabetização científica, avançando para explicitar-se como uma proposta marxista,

engajada, "compromissada com a transformação social", a direita pintava um quadro, sobre tudo na imprensa e nos vários meios virtuais, que correspondia exatamente com as expectativas da esquerda: o Ensino de Sociologia não seria mais do que "doutrinação barata", inculcação nos jovens da ideologia da guerra de classes", "ensino de um marxismo rastaqüera" e coisas similares. (MORAES, 2014, p.41 a42).

Moraes (2014) explica o que vinha a serem as Orientações Curriculares do Ensino Médio e como eram organizadas essas orientações:

As OCEM, como orientação que eram não tinham expectativas imediatistas nem muito menos instrumentais. Eram como já disse um passo dentre tantos outros. Esperava-se que vários eventos continuassem havendo, promovidos pelas universidades, sociedades e associações científicas, entidades sindicais e poderes públicos. Eventos que fomentassem debates sobre os vários temas muito pouco discutidos na nossa incipiente comunidade de professores formadores de professores da educação básica interessados no ensino de Sociologia. Vários temas, e em especial sobre esse da proposta curricular, divulgando e discutindo as experiências dos professores, de modo que de uma variedade rica, mas possivelmente caótica, se pudesse caminhar para alguma homogeneização pelo menos de parte das propostas - digamos uns 70%, se pudéssemos pensar nisso quantitativamente. Por outro lado, que se poderia buscar critérios mais predominantes - e quem sabe unânimes - para que se pudesse conduzir para a elaboração de propostas mais consonantes. Por exemplo, temos encontrado nas expressões "pensar sociologicamente" ou "desenvolver a imaginação sociológica", alguma unanimidade, mas seria importante e necessário caminhar agora para pensarmos a operacionalização disso, ou a que conteúdos e métodos correspondem essas expressões presentes em tantos textos e discursos trazidos aos nossos debates. Caminhar nessa direção seria uma forma de superarmos todos esses problemas: responder à direita, mostrando que o ensino de Sociologia não é mera doutrinação nem está adstrito a um conteúdo específico; demonstrar à esquerda que a formação crítica e o compromisso com a transformação social não é privilégio nem prerrogativa do marxismo - e qual marxismo? Ultrapassar dando conteúdo e concretude a expressões que têm ficado nos limites do discurso e do clichê: "formar o cidadão", "desenvolver a consciência crítica", "ensinar a pensar sociologicamente", "desenvolver a imaginação sociológica". E teríamos um ganho estratégico extra: impedir que as propostas oficiais, os livros didáticos, os vestibulares e exames nacionais impusessem programas homogêneos, arbitrários e fora do controle dos verdadeiros interessados e condutores do processo, os professores de Sociologia (MORAES, 2014, p. 42 a 43).

Como podemos perceber os marcos regulatórios são documentos, ou propostas, ou normas, ou ainda orientações que falam de forma muito superficial sobre elementos que são de grande importância para o professor de Sociologia poder se orientar sobre como proceder em várias situações do Ensino, seja na escolha do conteúdo, da metodologia, dos recursos didáticos, ou até mesmo, na compreensão de qual realmente seja o objetivo da Sociologia enquanto disciplina para esse nível de ensino, pois quando a LDB, em seu artigo 36, estabelece que “ao final do Ensino Médio o educando demonstre (...) domínio dos conhecimentos de Sociologia necessários ao exercício da cidadania” ela não deixa claro o que viriam a ser esse conhecimentos necessários ao exercício da cidadania. Quando se trata de definir qual o papel da Sociologia enquanto disciplina no Ensino Médio temos ouvido várias respostas como "ensinar a pensar sociologicamente" ou "desenvolver a imaginação

sociológica", ou ainda a clichê "formar cidadãos críticos", mas o interessante seria como coloca Morais (2014) "pensarmos à operacionalização disso, ou a que conteúdos e métodos correspondem essas expressões presentes em tantos textos e discursos trazidos aos nossos debates". Portanto, são estes entre outros os "desafios" colocados pelos marcos regulatórios e que se faz importante conhecer para poder compreender melhor os "desafios" que serão abordados no próximo capítulo, onde será feita a apresentação e análise de convergências e divergências entre os "desafios" colocados nas discussões acadêmicas e os "desafios" constatados no Ensino de Sociologia no Cariri Ocidental Paraibano.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE OS "DESAFIOS" APONTADOS PELA DISCUSSÃO ACADÊMICA EM NÍVEL NACIONAL E OS EVIDENCIADOS NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO.

Senhores:

Encarregado de ensinar uma ciência nascida ontem e que possui apenas um pequeno número de princípios definitivamente estabelecidos, seria uma temeridade de minha parte não estar assustado diante das dificuldades da minha tarefa. Aliás, esta confissão é feita sem esforço e sem constrangimento. Com efeito, creio que em nossas Universidades, ao lado das cadeiras do alto das quais se ensina a ciência feita e as verdades adquiridas, existe lugar para outros cursos, onde o professor faz ciência na medida em que vai ensinando, onde ele encontra, entre seus ouvintes, quase tanto colaboradores quanto alunos, onde ele procura com eles e, às vezes, se perde com eles. (Emile Durkheim. Aula inaugural do Curso de Ciências Sociais. Bordeaux, 1887).

Como já foi discutido no primeiro capítulo deste trabalho, A questão dos “desafios” na literatura sobre o Ensino de Sociologia, isto com base nos resultados da Pesquisa Bibliográfica e no segundo capítulo os "Desafios" encontrados pela Sociologia na busca da consolidação enquanto disciplina. Neste último capítulo, dar-se-á a apresentação dos resultados do Estudo de Caso e através dos mesmos à análise das convergências ou divergências entre estes "desafios" e os constatados na Pesquisa Bibliográfica.

Portanto, será feita uma comparação entre os principais "desafios" evidenciados até então e os "desafios" colocados pelas duas únicas professoras de Sociologia com formação no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais que ministram aulas em escolas no Cariri Ocidental da Paraíba, sendo então as mesmas, Professora Aracele Barbosa Gomes, que leciona na Escola Estadual Professor José Gonçalves de Queiroz na Cidade de Sumé - PB e Professora Kátia Carina Mesquita Cruz de Araújo, que leciona nas Escolas Estaduais Senador José Gaudêncio em Serra Branca e Maria Balbina no Distrito de Santa Luzia do Cariri-PB.

Como já foi colocado, inúmeras são as questões dos "desafios" no Ensino de Sociologia. No entanto, torna-se inviável a abordagem de todos estes num único trabalho, por tal motivo, será feita uma seleção de alguns dos "desafios" citados no decorrer deste trabalho, para que possamos discorrer sobre os mesmos ao longo do presente capítulo.

Sendo assim, vamos pontuando e trazendo o que é colocado pela literatura e por pesquisas sobre determinado "desafio", ao mesmo tempo em que vamos correlacionando e comparando com as falas das professoras entrevistadas.

Para tanto, vamos iniciar esse percurso pelo seguinte ponto:

4.1 LIVROS DIDÁTICOS

Esta é uma questão que tem gerado muitas perguntas como, por exemplo: como o livro didático deve ser utilizado? Como é organizado esse material? Há um consenso entre o que deve conter nesse material? A linguagem utilizada nesse manual é adequada para essa fase de Ensino? Esse material é avaliado, aprovado e recomendado pelo MEC ou PNLD? Existe a quantidade suficiente para atender às demandas?

Na tentativa de responder a estas questões serão correlacionadas algumas citações de MORAES (2014), COAN (2006), VIEIRA (2014), entre outros, para correlacionar com os trechos das entrevistas com as professoras de Sociologia Paraibanas.

Quando se trata da organização do livro didático de Sociologia, Moraes (2014) afirma que, o fato de ter-se o intuito de atender a uma enorme demanda com as mais diversas situações que apresentam as mais divergentes necessidades, culminou para um grave problema no caráter didático e na organicidade deste material didático, deixando assim o professor encarregado para fazer essa ordenação dos temas e conteúdos a serem trabalhados da forma que bem entender como podemos conferir na citação a seguir:

Tem-se ainda a variedade de propostas curriculares advindas dos governos estaduais, municipais e mesmo das escolas e professores isoladamente. [...] e acaba impondo uma produção de material didático que vise atender a todos os professores e todas as realidades um conjunto de temas teorias e conceitos o mais amplo possível, pretensamente exaustivo, de modo a poder ser usado em qualquer situação. Esses desígnios interferem profundamente na organização interna dos livros, passando-se de um problema quantitativo para outro qualitativo. A principal consequência é impedir o caráter didático dos livros, uma vez que não se pode pensar em um "processo didático interno" de modo que se vá desenvolvendo tema após tema, capítulo após capítulo, com organicidade, coesão e, é necessário ser redundante aqui, *didatismo*, como cada professor pode - o que é previsto pelos autores - fazer a seleção, composição e ordenar temas e capítulos do modo que achar mais conveniente, não há uma sequência didática prévia. O que encontramos é uma ordenação bastante arbitrária e muita vez anódina, buscando-se fugir a qualquer imposição que redundasse numa recusa por parte dos usuários (MORAES, 2014, p. 39).

A professora Aracele Barbosa Gomes, expõe sua opinião com relação à existência ou não de um consenso, sobre os conteúdos de Sociologia que devem ser lecionados em cada ano do nível médio respectivamente e como é feita a organização desse material:

(...) eu considero que não há um consenso né, há alguns livros que são adotados né, mas assim como outras disciplinas que a gente ver como disciplinas das áreas de exatas ou de Ciências da Natureza que traz segregado né os conteúdos de 1º, 2º, 3º ano não há todos os livros de Sociologia pra o Ensino Médio ele tem sido organizado em volume único.

Em se tratando da organização dos livros didáticos de Sociologia, a professora Aracele Barbosa também evidencia essa questão na entrevista, pois, segundo ela, a forma como o material didático é organizado acaba ficando sob a responsabilidade do professor a seleção do que ensinar para os alunos de determinada série, ou seja, o fato dos livros didáticos de Sociologia ser organizados em volume único delega ao professor essa responsabilidade de selecionar os conteúdos a serem trabalhados em cada série do Ensino Médio, além de acarretar em outros problemas que veremos no trecho a seguir:

"Bom como vocês sabem apesar da gente ter implementado, apesar de ter sido implementado no Ensino Médio o Ensino de Sociologia em 2009 é infelizmente nós ainda não temos um consenso em relação a essa questão, a esses recursos, porque primeiramente o livro adotado é volume único, não traz assim uma organização do conteúdo, que seja viável, ou que seja explorado para 1º 2º 3º ano ele é um volume único e cabe a nós, cabe ao professor fazer essa organização e o que muitas vezes dificulta é porque como nós temos uma escola com um número grande de turmas não fica só um professor com a disciplina de Sociologia. E o que acontece muitas vezes o aluno que eu estou lecionando este ano o ano passado teve outro professor de Sociologia que abordou quase todos os conteúdos que o livro didático traz e ai esse ano acaba sendo ele tendo o mesmo material o mesmo livro didático sendo repetitivo como eu falei anteriormente a gente não adota apenas o livro didático. Eu busco adotar o livro didático mais textos complementares até porque muitos conteúdos o livro didático que nós estamos trabalhando com ele não a não traz então assim às vezes acontece justamente por isso por não ter uma organização".

Com base, nesse relato da Professora Aracele, percebe-se como o fato do livro de Sociologia ser organizado em volume único e não possuir uma sequência a ser seguida, ou pelo menos uma sugestão de quais capítulos trabalhem em determinado ano, dificulta mais ainda o trabalho do professor, pois como vimos no relato da mesma os alunos acabam vendo os mesmos temas de forma repetitiva durante os três anos do Ensino Médio, o que com certeza culminará para a repulsa desta disciplina por esses alunos no momento da escolha do que cursar, pois desta forma a Sociologia não passará de apenas uma disciplina chata e repetitiva na visão destes adolescentes.

Aracele Barbosa também acrescenta experiência que ela já teve enquanto professora do EJA, onde não pode-se contar com o apoio de material didático, pois não existe, ficando então toda a responsabilidade de construção desse material na mão do professor. Observe no relato a seguir:

"As metodologias geralmente elas são comuns, mas principalmente o que eu vejo de diferenciação é em relação aos conteúdos, o que, é como são organizados esses conteúdos como eles são, selecionados para cada série. Uma dificuldade maior ainda, atualmente eu não leciono na EJA, mas eu já lecionei é porque na EJA nem material de Sociologia nós tínhamos então ficava a critério do professor organizar apostilas, organizar material (...)"

A professora Kátia Carina Mesquita ao ser questionada sobre se existe ou não um consenso com relação à escolha do material didático, ela enfatiza que essa escolha ocorre de forma livre e que quem vai determinar qual material didático será utilizado com uma determinada turma será o professor, e que a escolha desse livro acontece de acordo com o perfil da turma, pois será através desse perfil que o professor saberá qual o melhor livro para trabalhar com o seu público alvo, isto ficara mais claro com a leitura do trecho a seguir:

"(...) não há consenso porque a escolha do material didático não é feita de forma consensual. Primeiro não é o Estado quem escolhe. O Projeto Nacional do Livro Didático ele é bem aberto então, por exemplo, eu sou professora da Escola Senador José Gaudêncio e da Maria Balbina, eu escolhi um livro pra Senador José Gaudêncio e outro livro para Maria Balbina. Embora que eu e Aracele que temos, eu Aracele e Jessica que somos professoras daqui que temos proximidade no Ensino nós não escolhemos o mesmo livro didático porque eu compreendo, eu conheço meu público meu alunado eu compreendo que eles têm uma compreensão melhor do livro A ou do livro B, então não existe consenso. No Cariri, por exemplo, não é todo professor do Cariri que vai usar o mesmo livro didático. Agora os livros didáticos que foram sugeridos eles passeiam justamente pela mesma vertente de pensamento eles são estruturados da mesma forma, começa pela sociedade e o indivíduo, passando pela formação do indivíduo situando o mundo do trabalho e desfilando para a fundamentação dos clássicos, todos os seis livros então se você considerar isso seria uma universalização, mas no sentido de que um livro só para todos não. Eu não sei qual livro, por exemplo, que Monteiro usa ou que Congo usa, que Coxixola usa, não existe uma reunião para discutir isso (...)"

Durante as entrevistas as professoras Aracele Barbosa e Kátia Carina falam um pouco sobre como vem sendo o trajeto das escolhas dos livros didáticos aqui no Cariri Paraibano e nessas narrativas são colocadas questões bem interessantes como a escassez de livros didáticos de Sociologia até 2013 nesta região, o avanço que se obteve de lá pra cá neste quesito, sobre a necessidade de se buscar em outras fontes algo que venha complementar o que os livros trazem, pois, de acordo com o que elas afirmam, o livro deve ser utilizado como o complemento e não como algo completo e suficiente, mas que é necessário ir além buscar filmes, livros, músicas, leituras complementares, entre tantos outros recursos que possam enriquecer a aula, além disso, outro ponto que foi levantado e que é bastante preocupante é a dificuldade da compreensão por parte do alunado da linguagem utilizada em alguns manuais didáticos e a quantidade de livros de Sociologia, insuficiente para a demanda da escola atualmente:

A professora Kátia Carina, faz sua narrativa apresentando rapidamente como se deram as escolhas dos manuais didáticos no Cariri Paraibano, descrevendo um pouco do que cada livro traz de positivo para o Ensino de Sociologia, mas também deixando sua opinião sobre a

insuficiência e incompletude de qualquer livro didático que seja adotado, ou seja, segundo a mesma nenhum livro didático por si só consegue atender, ou suprir as necessidades de um professor que desejar dar uma boa aula de Sociologia, pois ela afirma que isso só será possível com o auxílio de outros materiais que venham somar conhecimentos para sanar as lacunas deixadas pelo próprio livro didático. Além disso, ela também deixa claro o avanço que se teve de 2013 até os dias atuais com relação a quantidade de materiais de Sociologia disponível, como percebe-se no trecho a seguir:

"(...) até 2013 nós, aí mais e ainda temos, mas até 2013 de forma mais enfática tínhamos uma escassez de material didático para se trabalhar no Ensino Médio acho que a gente só, nós só falamos especificamente da Paraíba nós tínhamos recebido o livro de Cristina Costa para se trabalhar e eu particularmente eu tinha só tinha conhecimento do livro de Pêrsio Santo, depois foi indicado o de Sociologia para o jovem do século XXI. Veja só, nenhum manual didático que você pegue ele vai dizer esse manual é completo esse manual vai suprir as necessidades você vai ter que sempre estar trabalhando recursos que venham ééé... Unir esse conteúdo, ou ampliar, ou problematizar. Se eu pegar, se eu disser a você que o melhor livro é o de Pêrsio eu vou estar mentindo, se eu disser que o melhor é o de Tomazi que é o que hoje é no Ensino Médio nas escolas que eu ministro aulas são utilizados eu digo que é insuficiente completamente insuficiente, vai deixar uma lacuna no conhecimento tamanho do mundo, são apenas ranhuras do Ensino de Sociologia certo? Então eu não acho que eles sejam completo todos juntos, mas eu acho que precisa pegar esse manual didático ou esse livro didático e juntar com as outras metodologias de ensino para que exista uma eficácia nesse ensino. Se a gente pegar o Tomazi ele vai dar um monte de sugestões de filmes, de livros, de músicas, de leituras complementares se eu pegar Pêrsio, Pêrsio vai dar. Se eu pegar o Sociologia para o jovem do século XXI vai trazer a modernidade. A gente teve o maior avanço de 2013 pra cá, na primeira escolha do livro didático de Sociologia, acho que foi se eu não me engano em 2016, nós só tivemos concorrendo um livro que foi o Dez lições de Sociologia, na última seleção do livro didático nos tivemos sete livros concorrendo pra escolha do livro didático então você podia escolher entre sete livros didáticos a gente pode considerar que houve um avanço enorme nessa questão do material didático."

No concernente à qualidade desses livros didáticos, ou seja, se eles atendem realmente às necessidades, ou se são recursos incompletos e insuficientes Moraes (2014), afirma que:

[...] Os livros didáticos produzidos recentemente são bons, muito bons, aliás, no entanto, não atendem efetivamente o caráter didático que se lhes demanda. Há pelo menos dois problemas decorrentes. Por um lado, vigora o enciclopedismo, perseguindo-se "toda Sociologia", e ainda que seja algo positivo, a presença de temas da Antropologia e Ciência Política, a revelar que, a despeito do nome histórico de disciplina - Sociologia-, o que se propõe é um curso de Ciências Sociais, em que se amplia muito o conjunto temático, teórico e conceitual de uma possível proposta curricular subsumida pelos livros didáticos. (MORAES, 2014, p. 38).

Sobre o uso do livro didático Coan (2006) chama atenção sobre a responsabilidade e consciência que devemos ter no ato da utilização de manuais didáticos, pois ele afirma que:

A utilização do livro didático ao mesmo tempo em que pode ser um instrumento valioso, apresentar uma síntese bem escolhida, organizada com lógica, seleção de bons conteúdos de cada área, e boas propostas de exercício, dinâmicas, hipertextos, pode se tornar fonte de limitação na construção do conhecimento. (COAN, 2006, p.114).

A professora Aracele também discorre sobre a trajetória da escolha dos livros didáticos, desde quando começou a lecionar Sociologia em 2009, ou seja, após sua volta como disciplina obrigatória no Ensino Médio. A entrevistada começa narrando de forma sequencial quais os manuais que foram adotados no Cariri e no final levanta a questão sobre a quantidade insuficiente de exemplares para atender à demanda da escola em que ela trabalha. Vejamos:

"(...) no primeiro momento quando nós iniciamos com a disciplina de Sociologia na Educação Básica o livro escolhido foi Sociologia de Christina Costa que também não era um livro muito fácil de ser trabalhado no Ensino Médio (...). Depois na escolha do livro seguinte veio o livro de Tomazi Sociologia para o Ensino Médio que nós trabalhamos durante os quatro anos (...). Agora o livro adotado é Sociologia em Movimento, porém a quantidade de exemplares do livro Sociologia em Movimento que foi direcionada pra escola não foi suficiente pra todas as turmas. Então conversando com os outros professores de Sociologia nós decidimos que os 1º 2º anos é adotariam Sociologia em Movimento e os 3º anos ficariam com Sociologia de Nelson Tomazi até ser repostos esses números de quantidade de livros que estavam faltando então o ano passado e esse ano as turmas de 3º ainda estão com os livros de Tomazi acredito que no próximo ano a gente consiga sanar esse déficit."

Tratando-se da linguagem utilizadas nos manuais didáticos de Sociologia, Moraes (2014) ressalta:

Quanto à linguagem, os livros alternam linguagem elevada, próxima dos especialistas, e linguagem rebaixada, confundindo didatismo com banalização, infantilização e coloquialidade (MORAES, 2014, p.41).

No que diz respeito à avaliação, aprovação e recomendação desses livros didáticos Moraes (2014) traz o seguinte dado:

Pode parecer exageradamente exigente ou idealizada essa proposta. No entanto, o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio, levado a efeito pelo MEC, entre 2010 e 2011, que avaliou os livros a serem encaminhados às escolas para o ano de 2012, aprovou, dentre 14 títulos, apenas 2. Observe-se que nessa avaliação não indica "os melhores", mas "os recomendados", o que significa que os demais (12) não passaram pelos critérios estabelecidos pela equipe de especialistas (MORAES, 2014, p.41).

4.2 LECIONAR EM MAIS DE UMA INSTITUIÇÃO

Como vimos em outro momento deste trabalho, outro "desafio" colocado em discussão por alguns pesquisadores é o do professor trabalhar em mais de uma Instituição, pois, de acordo com Bodart e Silva (2016), lecionar em mais de uma Instituição acaba sendo bastante prejudicial para a qualidade do trabalho docente, pois, segundo eles, tendo que se deslocar de uma escola para outra os professores sofrem vários prejuízos que vão desde a perda de tempo no trajeto e aumento de quantidade de planos de aulas diversificados, por conta das diferentes realidades dos educandos, até o choque entre as diferentes culturas organizacionais das escolas, o que afetará a qualidade do trabalho desenvolvido, pois todo e qualquer professor necessita de tempo para poder planejar bem as suas aulas, o que acaba sendo diminuído

quando o professor trabalha em mais de uma instituição, e culmina para a execução de aulas sem o devido planejamento que acarretará em um Ensino de baixa qualidade.

Sobre trabalhar em mais de uma instituição ou lecionar mais de uma disciplina pra cumprir a carga horária determinada pelo Estado, à professora Aracele Barbosa afirma:

"(...) eu pessoalmente nunca tive problema em relação a esse deslocamento não, pelo menos de cidade não, porque como vocês veem a escola ela tem um porte grande, então nós temos vinte e três turmas temos mais do que é necessário pra carga horaria agora levando em consideração os dias atuais como eu disse quando nós começamos a trabalhar só havia aulas de Sociologia nos primeiros anos, então obviamente que não completava a carga horária. Eu trabalhei em outra escola aqui do município para complementar e não dava aula só de Sociologia, dava aula de Sociologia e Filosofia, pra poder fechar essa carga horária."

A professora Kátia Carina, ao ser questionada, relata o seguinte sobre a dificuldade de complementar a carga horária determinada pelo Estado, o que muitas vezes só é possível quando se trabalha em mais de uma Instituição ou ao lecionar mais de uma disciplina. É que, por tal motivo, na maioria das vezes, ou pelo menos em escolas pequenas, a disciplina de Sociologia passa a ser usada como complemento de carga horária:

"O Estado não modificou nada continua exatamente igual à carga horária, a questão é que por uma questão de logística nenhum professor daqui fez esse deslocamento de carga horária, é houve uma adaptação porque foi implantado gradativamente. Começa no primeiro ano então a gente só tinha, nós só tínhamos seis aulas por semana, depois no segundo ano ai passamos pra doze aulas e aí foi colocado gradativamente, nas escolas que tinham poucas turmas, Sociologia virou um complemento de carga horária como, por exemplo, na cidade do Congo, onde não existia, isso eu digo por que eu já ensinei lá, não existia professor de Sociologia não. É não vou falar do Congo não, vou falar de Santa Luzia do Cariri que ainda é a realidade. Em Santa Luzia do Cariri nós só temos seis aulas de Sociologia, então não vai ter um professor só pra dar Sociologia, por que o Estado não vai fazer um contrato com um professor pra seis aulas então o que acontece, como eu tenho aula em Serra Branca e pra mim logicamente é próximo eu complemento minha carga horária lá, se não fosse eu, um dos professores da escola de Geografia ou de História completariam sua carga horária com a Sociologia e Filosofia, mas o estado não vai facilitar isso não, ela vai ficar como complemento de cargas horárias. Em escolas grandes como a de Sumé e a de Serra Branca ou a de Monteiro como completa a carga horária a gente fecha a carga horária aí tudo bem, mas em escolas pequenas como é a Maria Balbina de Santa Luzia do Cariri o Ensino da Sociologia no Ensino Médio ela nunca vai ser mudado ela vai ser sempre complemento de carga horária".

Sobre este problema da Sociologia ser vista em muitas Instituições como um complemento da carga horária, podendo ser ministrada por profissionais de outras áreas sem prejuízo para o aprendizado dos alunos, Vieira (2014), afirma ser este fenômeno consequência da percepção da Sociologia enquanto disciplina que ainda não conseguiu se firmar como componente curricular do Ensino Médio contribui para que, na maioria das vezes, ela seja vista como um complemento da carga horária.

4.3 PROFISSIONAIS COM FORMAÇÃO EM OUTRA ÁREA

Quando a questão é profissionais com formações em outras áreas, mas que lecionam Sociologia, seja para complementar a carga horária ou mesmo por falta de profissionais com formação na área, vários são os autores que vão discorrer sobre o assunto, como já vimos anteriormente. No entanto, muito se questiona sobre as consequências advindas desta prática, pois não somente na Sociologia, mas em qualquer área que seja a atuação de um profissional sem habilitação para o exercício da profissão acarretará na qualidade do trabalho desenvolvido. Sobre o fato dessa mais comum realidade de profissionais de outras áreas assumindo o lugar dos Sociólogos licenciados, Moraes (2014), evidencia o seguinte:

[...] na maior parte das vezes era ministrada por professores que já estavam "na casa", responsáveis por outras disciplinas tradicionais do currículo - como História e Geografia- e, tendo sido alterada a situação, agora com a obrigatoriedade, continuase a manter os mesmos critérios pouco condizentes com as exigências e especificidades da disciplina: professores que já estão na escola, completam suas cargas didáticas com Sociologia, impedindo que licenciados, o façam (MORAES, 2014, p.44).

Com relação a ministrar aula sem possuir formação específica na área, Professora Aracele diz ser algo complicado, onde ambos docentes e discentes saem prejudicados, mas que se trata de uma realidade bastante comum no cenário educacional, mesmo sabendo-se que o ideal seria cada profissional atuar na sua área específica de formação como ela relata a seguir:

"(...) a gente sabe que quando se trata da atuação em uma área que não é a área da sua formação específica é bem mais complicado. O professor é um eterno aluno ele tem que tá pesquisando, ele tem que tá produzindo, ele tem que esta sempre interagindo e quando você não é da área que você leciona isso é bem mais complicado, e aí como transmitir, como trabalhar esse conteúdo com meu aluno quando eu mesmo não domino muitas vezes. Então é um pouco delicado nesse sentido e o ideal que tem se debatido e que tem se questionado o ideal é que o professor ele só possa lecionar na sua área de formação, porque é isso não traz prejuízos apenas para o aluno, pra o discente, mas pro docente também. Muitas vezes a gente presencia e percebe que o professor quando ele é formado na área de humanas e está dando aula em linguagens porque ele tem uma afinidade ou porque necessitou de um professor na área de linguagens ou um professor que é da área de humanas e está dando aula de Educação Física, e a gente sabe que nem é fácil pra ele enquanto professor, nem pros alunos que muitas vezes compreendem que o professor não tem aquele domínio de conteúdo, então como eu disse o ideal seria que cada um estivesse lecionando na sua área, é o que se busca, mas infelizmente a gente ainda tem um índice muito alto de casos como esse de professores que lecionam em outras áreas."

Sobre profissionais de outras áreas lecionarem a disciplina de Sociologia, a professora Kátia Carina possui uma opinião que se distancia um pouco da opinião colocada pela outra professora entrevistada e também por intelectuais como Moraes (2014) e Bodart e Silva (2016). Enquanto estes dizem ser a atuação de profissionais não formados na área das Ciências Sociais muito prejudicial ao desempenho e à qualidade do Ensino de Sociologia, a professora entrevistada diz que isso depende da dedicação e do empenho deste profissional,

pois é possível que um professor de Geografia ministre aulas tão bem quanto um professor formado na área, como é observável no trecho a seguir:

"Olhe eu não tenho autoridade pra falar sobre essa questão, porque na verdade o professor tem porque ele tem uma pesquisa, anterior ao PIBID que inclusive eu fiquei sabendo que ele fez esse mapeamento. Eu não tenho, então e muito complicado você dizer que um professor faz ou deixa de fazer, até porque são escolas diferentes, então eu não tenho essa autonomia pra perceber, os professores que eu conheço do Ensino Médio nessa região do Cariri todos professores são professores da área de Sociologia e a grande maioria se formou na mesma instituição de ensino que eu me formei, então tirando por mim e pelas conversas que tenho com eles, todos tem competência necessária pra ensinar Sociologia, mas ai falar sobre professor de outra área eu não tenho competência pra dizer, porque às vezes eu posso dizer que o professor de Geografia não tem competência nenhuma pra ensinar Sociologia, mas às vezes ele ministra aula tão bem quanto um professor formado na área, depende do que ele se dedica, ele se empenha do que ele se articula, então nessa questão eu não tenho como responder isso (...) acho que ele vai ter dificuldade, acho, creio que terá sérias dificuldades, porque é muito diferente você falar de onde você não é formado, acho que tem dificuldades agora se vai ser bom ou ser ruim só na prática, você não anda com a etiqueta porque você é sociólogo você é bom, e você e de outra área você é ruim, acho que depende (...)."

Sobre a necessidade das escolas em possuir professores com conhecimentos especializados, Young (2007) afirma que para se conseguir o "conhecimento poderoso" especializado são necessários professores com esse conhecimento especializado, como se pode depreender do trecho a seguir:

O conhecimento poderoso nas sociedades modernas, no sentido em que usei o termo, é, cada vez mais, conhecimento especializado. Assim, as escolas acabam precisando de professores com esse conhecimento especializado (YOUNG, 2007, p.1294 a1295).

4.4 LINGUAGEM ADEQUADA PARA TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO

Não é de hoje que vem se discutindo sobre a utilização da linguagem adequada na transmissão do conhecimento. Vários são os autores que discutem essa questão como, por exemplo, Guimarães (2014), que vai dizer que pouco adianta o preparo docente para o Ensino da disciplina se não houver adequação da linguagem para aquele nível de Ensino e também a adequação do conteúdo ao público alvo, pois reconhecer a especificidade dos limites entre a ciência e a disciplina Sociologia é estar atento à necessidade de traduzir o conhecimento sociológico de forma significativa para os jovens e que para isso é necessário utilização de recursos, de estratégias, de práticas de Ensino que extrapolem os procedimentos tradicionais de sala de aula, do Ensino Médio.

Essa mesma autora ainda ressalta que será esse fazer escolar diário da sala de aula que vai possibilitar aos jovens compreender e conferir significado aos recortes sociológicos previamente selecionados para compor a escolaridade da disciplina Sociologia e, mais ainda, que a mediação pedagógica entre os conhecimentos sociológico e os alunos se faz tão mais necessária quanto mais diverso é o público para o qual se está lecionando. No entanto, segundo a mesma, mediar conhecimento é reconhecer o caráter científico da disciplina no Ensino Médio para transformar os saberes escolares que tenham significado para os jovens. Por isso a extrema importância de se buscar aproximar os conceitos da realidade correlacionados a situações da realidade cotidiana dos nossos alunos, sempre fazendo uso de linguagem acessível àquele público.

Vejamos o que Vieira (2014) também coloca sobre esse "desafio" ou necessidade do uso de linguagem adequada para transmissão de conhecimento nesse nível de Ensino, pois o mesmo afirma ser essa adequação da linguagem de fundamental importância e, para que isso aconteça, o professor terá que ser sensível para perceber se a linguagem utilizada está sendo compreendida por seus alunos e também se as análises sociológicas estão de acordo com o interesse daquele público, porque, caso contrário, os objetivos práticos da disciplina não serão alcançados, como podemos perceber na citação a seguir:

Para isso, é preciso sensibilidade, por parte dos professores para não se deter em análises que estão além do interesse e da compreensão sociológica do nível médio, sob pena de jogar por terra os objetivos práticos da disciplina (VIEIRA, 2014, p. 24).

Vieira (2014) ainda acrescenta que é necessária e fundamental essa atenção a essa questão, porque a mera e pura transposição dos conteúdos da graduação para o Ensino Médio tem se tornado um problema constante no Ensino desta disciplina:

Essa atenção ao trato do programa é importante, uma vez que um dos maiores problemas apontados no ensino de Sociologia é a transposição pura e simples dos conteúdos de graduação para o Ensino Médio (VIEIRA, 2014, p.24).

Respondendo a um questionamento sobre a adaptação de linguagem adequada para transmissão do conhecimento, a professora entrevistada Aracele Barbosa diz que é totalmente inviável não fazer essa aproximação entre teoria e realidade do aluno, e que trazer teorias densas com cargas de leituras só complicará ainda mais o processo de Ensino-aprendizagem. Portanto, o que é recomendado fazer é utilizar-se de uma linguagem adequada para aquele nível de Ensino e, assim, correlacionar a teoria com situações da realidade do aluno para que faça sentido, e o mesmo compreenda que aquilo que ele vivencia no seu cotidiano, na sua realidade social, também pode ser analisado do ponto de vista sociológico. Dessa forma ele compreenderá para que serve a Sociologia:

"(...) a gente não vai chegar pra um aluno de Ensino médio e trazer teorias densas com cargas de leituras que a gente sabe que muitas vezes não é viável pra realidade. Principalmente pela questão do tempo de hora aula, então assim a gente tenta trazer o máximo possível pra próximo do que ele vivencia com exemplos (...) é eu acho que a gente tem que buscar trazer essa teoria pra aproximar pra realidade do aluno para que faça sentido pra que ele compreenda que aquilo que ele vivencia no cotidiano na realidade social dele também pode ser analisado, também pode ser visto do ponto de vista sociológico (...)".

A outra professora entrevistada, também responde a essa questão por essa mesma vertente, pois Katia indaga que não existe Ensino sem que haja contextualização, ou seja, a não utilização de uma linguagem adequada dificultará a compreensão por parte dos alunos, pelo fato de ser muito complicado compreender aquilo que esta distante da nossa realidade.

"(...) fazer essa mediação entre o conhecimento de senso comum, entre o conhecimento do cotidiano e a realidade da Sociologia, ou os assuntos de Sociologia até para que exista uma melhor compreensão desses conteúdos no sentido de que eles precisam ser contextualizados no Ensino. Não existe Ensino sem que haja a contextualização do conteúdo porque você não... pelo menos na Sociologia você não consegue compreender algo que esta distante da sua realidade da realidade dos alunos (...)".

4.5 TEMPO AULA

O tempo aula da disciplina Sociologia é considerado um dos principais "desafios" com que todos os profissionais da área se deparam. E buscam superá-lo diariamente. Eis um "desafio" responsável por inúmeros e intermináveis debates no âmbito acadêmico, pois são diversos os autores que vêm escrevendo sobre este "desafio", transformando-se assim num problema universal pelo qual todas as escolas e professores que trabalham com essa disciplina precisam enfrentar e buscar se adequar ao mesmo tempo em que reivindicam por um espaço maior. São incontáveis os relatos da dificuldade em se trabalhar Sociologia no tempo aula que lhe é disponibilizado, e tornam-se quase unânimes as opiniões sobre a necessidade de expansão desse tempo aula para que se possa desenvolver de forma satisfatória o trabalho do qual a Sociologia é designada a cumprir, isso enquanto disciplina do Ensino Médio, a quem é atribuído o papel de formar cidadãos críticos, como é colocado por as Orientações Curriculares Nacionais.

Vieira (2014) aborda essa questão dizendo que o tempo aula reservado para a Sociologia é simplesmente antipedagógico, pois fragiliza a relação aluno professor por conta de ser um tempo bastante resumido que dificulta a interação, a avaliação e o acompanhamento da aprendizagem, o que tem causado um enorme descontentamento entre os professores da disciplina. Confira na citação seguinte:

Há algum tempo têm aparecido problemas relativos ao número de aulas, ao profissional habilitado para lecionar Sociologia - qual é a formação específica? -; critérios de recrutamento, realização de concursos públicos dentre outros. Primeiramente, a lei que torna obrigatório o ensino de Sociologia definiu que seria para as três séries do ensino médio, no entanto, não chegou a estipular o número de aulas por série, de modo que a inserção dessa disciplina no currículo tem-se caracterizado por uma aula ou tempo por semana. Isto tem gerado muito descontentamento, uma vez que é sabido que esse tempo definido revela-se antipedagógico quer pela situação extremamente complicada que vive a escola brasileira- uma desestruturação por demais conhecida que seria ocioso relatar aqui-; quer porque a relação entre professores e alunos acaba por ficar demasiado frágil, tornando bastante difícil a interação, a avaliação, o acompanhamento do aprendizado (VIEIRA, 2014, p.44).

Na entrevista, a Professora Aracele Barbosa responde a uma pergunta sobre o tempo aula de Sociologia, dizendo que é bastante difícil trabalhar essa disciplina em um tempo aula por semana, porque essa ausência de contato entre aluno e professor durante oito dias acaba desestimulando o aluno e afastando ele da disciplina, pois sempre que se retorna a aula, o aluno já não se recorda mais do que foi discutido na última aula, tendo que o professor novamente revisar o conteúdo da aula anterior, perdendo assim, mais alguns minutos do pouco tempo que se tem para se trabalhar em sala o que, segundo a mesma, não aconteceria se o professor tivesse contato com a turma pelo menos duas vezes por semana, como veremos no trecho a seguir:

"(...) a gente sabe da dificuldade da carga horária da disciplina, 45:00 minutos dar pra fazer alguma coisa? Da, mais 45:00 minutos daqui a oito dias é que eu vou ter contato com a turma, muitas vezes isso dificulta o trabalho, porque a gente tem que revisar, quando a gente tem um número maior de contatos durante a semana o aluno está mais próximo do diálogo do debate ele não deixaria, não priorizaria outras disciplinas que tem mais aulas que a nossa certo?"

Durante a entrevista a professora Kátia Carina dá bastante ênfase à dificuldade que é trabalhar Sociologia no tempo aula que se tem atualmente no Ensino Médio, pois ela relata ser extremamente difícil lecionar essa disciplina, utilizando-se de vários elementos que são essenciais para uma aula bacana em apenas cinquenta minutos, o que ela diz ser "quase uma piada". Porém ela afirma ser possível, pois segundo a mesma com o convívio com a realidade o professor consegue se adaptar àquele tempo aula disponibilizado. No entanto, isso não quer dizer que ele vai conseguir planejar suas aulas da forma como ele queria, como por exemplo, com o uso de filmes de longa metragem, mas que ele vai encontrar uma saída, onde ele possa fazer com que a aula seja pelo menos parecida com o que ele almejava fazer, confira no relato a baixo:

"(...) extremamente difícil, extremamente difícil e aí tem uma carga bem grande nas costas da Sociologia, porque a Sociologia como eu falei anteriormente é essa disciplina nova e tem que começar do zero de uma forma geral, mais convenhamos que cinquenta minutos pra você trazer dinamicidade, pra você trazer relações inovadoras, ainda além de trazer seus conteúdos é quase uma piada, você consegue porque você se adapta, o ser humano tem essa capacidade, mais pronto, você tem

que se adaptar. Eu não posso trabalhar um filme de longa metragem com meus alunos por mais que tenham uma base então o que tenho que fazer, tenho que ter um planejamento com as áreas afins no caso História Geografia para me adaptar ao tempo deles isso para quando eles passarem um filme eu pegar carona naquele filme porque se não eu passo quatro aulas, veja quatro aulas é um mês de aulas quatro aulas trabalhando um filme (...)"

4.6 METODOLOGIA

Este é outro enorme "desafio" encontrado pelos professores de Sociologia no cenário educacional, principalmente, por causa do longo processo de intermitência vivido por essa disciplina. Muito tem se falado e questionado sobre o desenvolvimento de metodologias que auxiliem no processo de ensino aprendizagem, e sobre a utilização destas para facilitar a tradução dos conteúdos teóricos aprendidos no Ensino Superior e que necessitam ser repassados para os alunos do Ensino Médio de forma mais clara, onde eles consigam compreender o que está sendo trabalhado, pois, caso contrário, esse processo de Ensino não passará de mera transposição de teoria que sem aplicação no cotidiano não acrescentará nada ao conhecimento desses alunos.

Quando o assunto é uso de metodologias que contribuem para um processo de Ensino mais eficaz, Vieira (2014) destaca que, independentemente do nível de Ensino, o uso de metodologias que facilitem a mediação do conhecimento se faz necessário, mas que por muitas vezes acaba sendo ignorada, ou por falta de conhecimento destas ou por uma interpretação distorcida sobre o que é de fato ensinar. Observemos a citação seguinte:

A mediação pedagógica, necessária em qualquer nível de ensino, é ignorada: ou porque o professor desconhece as metodologias de ensino capazes de tornar o trabalho de sala de aula mais produtivo, criativo e interessante; ou porque acredita que, para ensinar, basta ter domínio do conteúdo o que reduz a aprendizagem a uma mera transferência de informações mecanizadas e enfadonhas (VIEIRA, 2014, 24 a 25).

Ao discutir sobre a utilização de metodologias nas aulas de Sociologia Kátia Carina deixa clara a relevância, ou seja, a importância de contextualizar a teoria com a realidade do aluno, pois isso facilitará a mediação do conhecimento entre o professor e os alunos. Para tanto é essencial o uso de metodologias eficazes que contribuam para uma maior aprendizagem e, caso seja necessário, utilizar-se de filmes, imagens, entre tantos outros recursos que possam contribuir para uma aula dinâmica e interessante, como ela expressa a seguir:

"Claro que é extremamente relevante trazer os assuntos que sejam do cotidiano da realidade. Se até a gente pegar o próprio Durkheim ele vai dizer que a escola vai ser a instituição que reproduz a prática social em especialmente falando da Sociologia é de suma importância e relevância que os temas da sociedade que os temas do contexto atual, não todos os temas da sociedade, não todos os temas de todos os

momentos, mas os temas do contexto atual sejam trazidos pra fazer essa mediação entre o conhecimento de senso comum, entre o conhecimento do cotidiano e a realidade da Sociologia ou os assuntos de Sociologia até para que exista uma melhor compreensão desses conteúdos no sentido de que eles precisam ser contextualizados no Ensino. Não existe Ensino sem que haja a contextualização do conteúdo porque você não... pelo menos na Sociologia você não consegue compreender algo que está distante da sua realidade da realidade dos alunos então quando eu aproximo esses conteúdos do cotidiano de forma lúdica seja através ééé... de filme através de imagens, por exemplo, no momento atual do PIBID nós estamos trabalhando com músicas nós estávamos trabalhando com imagens, então eu busco trazer esses assuntos que estão em pauta na sociedade, violência contra a mulher e tantos outros, homofobia discussão de gênero para o contexto da sala de aula contextualizando o conhecimento científico da Sociologia o conteúdo teórico da Sociologia com o conteúdo.

Sobre qual o melhor ou o tipo ideal de metodologias a serem utilizadas nas aulas de Sociologia Katia Carina esclarece que não existem fórmulas prontas e acabadas, pois muitas vezes a metodologia que funciona com uma determinada turma não funciona com outra. Portanto, cabe ao professor conhecer bem seus alunos e encontrar metodologias que funcionem com os mesmos, pois só com a experiência é que se consegue entender a necessidade de cada público.

Não existem fórmulas prontas. Não existe uma fórmula única. Os meninos que são do PIBID sabem disso, nós temos sete turmas de primeiro ano em todas as turmas às metodologias são diferenciadas, embora que eu tenha um plano e vou dizer hoje nós vamos trabalhar Cine Club, mas quando eu chego à forma como o 1ºA 1ºB 1ºC vai compreender aquele conteúdo é diferente, então as vezes termina a aula e aquela turma não avançou igual a turma do 1º B."

Quando indagada sobre uso adequado de metodologias nas aulas de Sociologia Aracele Barbosa responde que não existem metodologias mais ou menos adequadas, e que quem vai determinar se tal metodologia é ou não adequada será a realidade onde o professor encontra-se inserido, pois a sala de aula é uma caixinha de surpresa. É por isso que não existe uma metodologia pronta e acabada que servirá para todas as turmas, e, nesse quesito, eu, enquanto Bolsista do PIBID e estagiária, concordo com a opinião da entrevistada em número, gênero e grau, pois tanto nas experiências com o PIBID já havia percebido a necessidade de compreender qual é o perfil de cada turma para poder desenvolver um melhor trabalho, como também, no Estágio Supervisionado II, deparei-me com uma situação onde planejei todas as nove aulas que seriam lecionadas nas três turmas do Ensino Médio, apresentei os planos de aula para a supervisora, ela falou que estava bem planejado e, no entanto, autorizado a ter início o estágio, comecei por uma turma de segundo ano, onde todos me receberam bem, prestaram atenção à explanação do conteúdo, tiraram várias dúvidas, pediram pra eu dar mais exemplos de situações do cotidiano deles onde se encaixava tal teoria e, desta forma, a aula fluiu muito bem.

Na segunda aula eles participaram de forma muito intensa da dinâmica que eu havia preparado com o intuito de ajudar na fixação do conteúdo que eles tiveram contato na aula anterior, e por fim, ao solicitar uma atividade, todos, sem exceção, fizeram e entregaram no tempo combinado, fato que me deixou bem feliz e orgulhosa, pois percebi que o que havia planejado tinha funcionado e surtido efeito.

Na semana seguinte voltei à escola pra dar continuidade ao meu estágio, começando assim mais uma regência, só que desta vez em uma turma de terceiro ano. Era uma turma de apenas treze alunos. No primeiro contato percebi que a turma era um pouco tímida, mas que, em contrapartida, eram muito atenciosos, sempre focados na exposição do conteúdo, fazendo anotações dos esquemas que eu fazia no quadro e assim fui ganhando a confiança deles, o que culminou para que na aula seguinte, onde aconteceu a dinâmica, eles começaram a interagir comigo, perguntando, questionando o porquê daquela forma e não de outra e, no final da aula, eu e eles já estávamos com uma relação aluno-professora muito boa, pois eles não tinham mais vergonha de se dirigirem a mim para perguntar algo. Desta forma seguimos para o último momento, onde solicitei a atividade e apenas uma aluna não entregou no tempo combinado, mas mesmo assim, depois ela procurou a professora da disciplina e entregou a atividade. A esta altura do campeonato eu estava muitíssima segura do que estava fazendo, pois já havia dado certo em duas turmas e, portanto agora, era só reproduzir na última turma e meu estágio seria concluído com sucesso. Mas o que eu não sabia era da grande surpresa que estava por vir.

Chegada então à última semana do estágio havia estudado e me preparado para ministrar as três aulas da regência no primeiro ano, como havia feito até então nas demais turmas por onde já havia passado. Chegando lá – isso no primeiro horário, de 07:00h da manhã – tive logo um impacto com o número de alunos naquela sala, em torno de vinte oito adolescentes, circulando dentro de um espaço pequeno, conversando em voz alta, fazendo brincadeiras com os colegas e fingindo que não existia ninguém diferente ali, ou seja, a minha presença dentro da sala nem sequer fora notada ou despertara-lhes a curiosidade. Ninguém indagou-me em torno de questões mais elementares: quem seria eu e o que estava fazendo ali? Essa indiferença mexeu comigo, pois, nas outras turmas, quando eu chegava à sala com a professora, todos ficavam sentados olhando pra mim como se dissessem: quem é você e o que está fazendo aqui? Após alguns minutos, a professora conseguiu fazer com que todos sentassem, e aí falou pra eles quem eu era e o que iria fazer e, a partir daí, eu dei início à minha aula. Porém eles não davam a mínima atenção pra o que eu estava falando, conversavam entre eles em tom de voz igual ou até mais alto do que o meu, o que foi me

deixando nervosa. Então parei a explicação, pedi-lhes que – Por favor! – que parassem de conversar e prestassem atenção. Tudo inútil. Era nítida a percepção – para mim – de que eles não estavam nem me vendo nem me ouvindo. E o barulho foi aumentando até que a professora percebeu que eu não estava conseguindo pôr limites na turma e pediu licença pra mim e falou muito sério com todos. Disse que quem não quisesse assistir a aula se retirasse, mas que exigia o respeito deles comigo e então passou a fala novamente pra mim.

Neste momento eu me encontrava muito nervosa e não estava mais conseguindo passar o conteúdo com a tranquilidade e qualidade que havia feito nas outras aulas. Então, quando acabou o primeiro horário, eu me reuni com a professora e, conversando, chegamos a um consenso que com aquela turma a metodologia que foi utilizada nas demais não estava funcionando. Voltei pra casa e fui pesquisar outra metodologia pra concluir meu estágio porque se eu seguisse o primeiro plano de aula que preparara, quando chegasse no momento da dinâmica eles acabariam fazendo tanto barulho que chamariam a atenção da escola toda, o que não seria nada interessante. Junto com a professora decidi, então, que a segunda aula seria uma leitura de um texto complementar e que estimularíamos a participação destes alunos na leitura e discussão deste texto com a bonificação de meio ponto para quem participasse. Assim fizemos. Alguns chegaram a participar, outros não e, na última aula, com a solicitação da atividade, que seria para a nota, apenas dez alunos dos vinte e oito fizeram.

Então essa foi uma experiência que de princípio me deixou triste, mas agora percebo quanto foi rica para minha compreensão de que existem perfis e perfis de turmas e que é necessário conhecê-los pra poder saber como trabalhar com eles e qual metodologia utilizar, pois, como Aracele Barbosa falou, não existe metodologia mais adequada. O que existe é a necessidade de se conhecer a realidade de uma determinada turma pra assim você ter competência de usar a metodologia de forma adequada, pois, de acordo com o que Kátia Carina relata, "não existem formulas prontas de metodologias." Confira então a opinião de Aracele Barbosa a seguir:

"Eu não diria que tem uma metodologia mais adequada, uma mais adequada do que outra, isso depende muito da realidade, onde o professor vai estar inserido, tem turmas né que a gente percebe que tem mais desenvoltura, tem uma análise mais aprofundada, tem turmas que a gente precisa mostrar metodologias diferentes, procurar instigá-los mais, eu não diria que existe algo pronto e acabado, a sala de aula é uma caixinha de surpresas, o professor ele está, ele passa o seu dia de planejamento preparando a aula e às vezes ele chega a uma turma e a aula foi ótima os alunos se envolveram é ouve um debate muito consistente em relação ao que foi proposto, mas tem turma que naquele dia não estava tão inspirada, não estava muito a fim, que estava muito cansada entre outras questões. (...) Eu não diria que existe uma metodologia pronta que isso funciona e isso não funciona, depende do contexto, depende do público alvo ao qual você está direcionando, e depende do seu objetivo pra atingir, a ser atingido na aula (...)."

Ao longo da sua fala sobre uso de metodologias a professora Aracele Barbosa acrescenta um pouco da sua experiência e relata como é a metodologia que ele gosta mais de utilizar e que vem surtindo efeito, ou, como ela coloca, instigando os alunos e despertando neles o interesse e a vontade de estudar Sociologia. Mas ela deixa evidente que isso só é possível com o decorrer do tempo, no que vai se adquirindo a experiência para poder saber se sobressair ante os "desafios" que essa "caixinha de surpresa" chamada sala de aula vai nos apresentando. Veja:

"(...) claro que não há uma metodologia pronta fechada, é com o desempenhar das aulas, com o decorrer do tempo que a gente vai melhorando amplificando a forma de trabalhar com esses alunos. E aí uma das questões que eu citei pra vocês que eu considero muito importante é a gente trabalhar esses conteúdos com os alunos e pedir pra que eles também produzam a partir do conhecimento porque a partir daí eles começam a perceber que tudo aquilo que eles viram na teoria e no conceito eles conseguem aplicar a realidade deles e aí se torna até mais como é que eu posso dizer, instigante pra eles estarem lendo textos maiores, de estar também pesquisando, de estar refletindo mais, e muitas vezes algumas questões que eles nem estão associando a Sociologia mais quando a gente tá trabalhar na sala de aula eles começam interagindo, começam citando exemplos da realidade deles das experiências de vida deles (...)"

Aracele Barbosa ainda acrescenta que nesse processo de utilização de metodologias o professor precisa sempre estar buscando formas de aproximar a teoria à realidade do aluno, e também fazer com que o aluno sintam-se autor do conhecimento, isso através de suas produções em sala, pois assim ele vai ficar mais motivado e interessado pela Sociologia. Vejamos o relato a seguir:

"(...) concordo ééé, necessariamente a gente não tem como adotar apenas o livro didático só. Os conteúdos que os livros didáticos abordam é eu acho que a gente tem que buscar trazer essa teoria pra aproximar pra realidade do aluno para que faça sentido pra que ele compreenda que aquilo que ele vivencia no cotidiano na realidade social dele também pode ser analisado também pode ser visto do ponto de vista sociológico e utilizar essas metodologias diferenciadas é uma forma que a gente é tem de apreender a atenção do aluno, porque como vocês sabem a metodologia do Ensino Médio é bem diferente do que vocês tem no Ensino Superior. A gente não vai chegar pra um aluno de Ensino médio e trazer teorias densas com cargas de leituras que a gente sabe que muitas vezes não é viável pra realidade né, principalmente pela questão do tempo de hora aula. Então assim a gente tenta trazer o máximo possível pra próximo do que ele vivencia com exemplos, com atividades, como a questão da exibição de filmes e vídeos é até mesmo para que eles possam ver essa teoria. E na prática da produção do curta eles mostram o ponto de vista deles a partir daquilo que foi estudado, né então seria a produção do conhecimento deles, ou parte, o aluno sendo protagonista daquilo que ele aprendeu, então seria uma forma deles também se sentirem autores do conhecimento".

4.7 QUAL O PAPEL DA SOCIOLOGIA ENQUANTO DISCIPLINA?

Muito se fala sobre qual seria o verdadeiro papel da Sociologia enquanto disciplina do Ensino Médio. Se nos debruçarmos sobre o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação

(LDB), ele vai dizer que papel da Sociologia nessa fase de Ensino é "formar o cidadão crítico", frase essa que já se tornou clichê. Se pegarmos a opinião de autoras como Guimarães (2014), em torno da questão de qual seria a principal tarefa da Sociologia, vamos encontrar, objetivamente, que o compromisso da Sociologia no nível médio é o de provocar no aluno a desnaturalização e o estranhamento de fenômenos sociais cristalizados na Sociedade. Neste sentido, Guimarães (2014) explica que:

A ciência Sociologia, para cumprir seu papel social, precisa ser apropriada pelo coletivo, não pode ser um conhecimento de especialistas, dirigido e privatizado por um grupo "seleto" de intelectuais, configurando a autoprivatização da ciência. Recortada em disciplina na educação básica, tem o compromisso com a cidadania como qualquer outro conteúdo desse nível de ensino. O que a diferencia dos demais é a possibilidade problematizar uma série de questões, superando as explicações de senso comum e fazendo uso da ciência para compreender sua vida social com racionalidade e coerência. (GUIMARÃES, 2014, p.31).

Já sobre as aulas de Sociologia Guimarães (2014), acredita ser um campo fértil para o aprendizado da humanização que vai além do período escolar, como vemos na citação a seguir:

As aulas de Sociologia constituem um campo fértil para o aprendizado de humanização, como um processo inacabado, que se constrói todos os dias na sala de aula, se estende para a vida, além do período escolar, ultrapassando os objetivos sistematizados pelo currículo da disciplina. Um espaço precioso, definido por Antônio Candido como "quota de humanidade, na medida em que os torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante". (CANDIDO, 1995, p.242). (GUIMARÃES, 2014, p. 32).

A professora Aracele Barbosa, quando indagada sobre qual seria o papel da Sociologia, afirma que não tem como se trabalhar Sociologia sem trabalhar os conceitos de desnaturalização e estranhamento, pois, sendo papel da Sociologia causar incômodo e inquietude e fazer com que os alunos comecem a analisar de forma crítica os fenômenos sociais, porque caso contrário eles permanecerão no simples senso comum:

"(...) acho que não tem como trabalhar Sociologia se você não utiliza desses dois elementos da desnaturalização e do estranhamento. Até porque é a partir daí que você vai causar essa inquietude esse incômodo para o aluno poder buscar uma análise do ponto de vista mais crítico, se ele naturaliza então ele não vai ter o que analisar o que refletir sobre algo, então assim quando vocês perguntam de que forma você trabalha? Eu trabalho esses princípios né, a gente começa mostrando a ele o que é essa desnaturalização como é trabalhar a partir do estranhamento, a partir de questionamentos a partir de provocações mesmo é que a gente começa abordando. Porque vocês naturalizam determinados aspectos, determinados fenômenos? E aí mostra a eles como trabalhar o estranhamento e a desnaturalização."

Enquanto isso a professora Katia Carina diz ser o papel da Sociologia despertar no aluno o senso de criticidade, fazer com que ele reflita, conseguir colocar ele pra pensar e produzir o que a mesma diz ser uma grande carga pra disciplina de Sociologia, pois os alunos chegam ao Ensino Médio apenas reproduzindo conhecimento:

"(...) então, é novamente uma carga muito grande para a Sociologia. Você motivar e despertar nesse aluno, esse senso de criticidade, fazer com que ele reflita, fazer com que ele pense. Porque os meninos eles não vêm pensando eles vêm reproduzindo conteúdos, porque foi o que eles foram ensinados a vida inteira (...)"

E quando indagada sobre se ela acha importante trabalhar no Ensino Médio os conceitos de estranhamento e desnaturalização, Katia Carina responde que é muito importante, pois através destes conceitos é possível levar o aluno a refletir sobre seu posicionamento sobre determinado fenômeno social:

"Sim considero. Com certeza é muito importante, principalmente quando a gente leva o menino refletir sobre o que ele diz, ou sobre o que ele pensa (...)."

4.8 QUAL A PRINCIPAL FUNÇÃO DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA?

Esta é uma pergunta bem interessante, a qual todo e qualquer professor de Sociologia que se preze deve se fazer. As respostas, apesar da diversidade com que se revestem, caminham sempre em uma mesma direção. Guimarães (2014) responde essa pergunta afirmando que em sala de aula a conduta docente deve ser de desnaturalizar concepções já cristalizadas pelo senso comum, o que, segundo essa autora, é uma tarefa bem "delicada", e, até "antipática", isso pelo fato de exigir do professor o desmonte de argumentos popularmente "incontestáveis" e o rompimento de concepções aceitas como normais. Ou seja: o papel do professor de Sociologia é desnaturalizar, é tratar os fenômenos sociais a partir de sua historicidade, mostrando aos seus alunos que a vida em sociedade não está dada, mas que a mesma nada mais é que o resultado da atividade humana.

Esta mesma intelectual continua respondendo a esta pergunta dizendo que o estranhamento é a condição necessária para os jovens do Ensino Médio realizarem uma leitura sociológica do mundo. Para que o estranhamento dos fenômenos sociais aconteça, no entanto, é necessário que o professor provoque inquietação na turma, e aguace o olhar dos jovens para problematizar questões com as quais eles convivem e que lhes são comuns no dia a dia ou mesmo fazem parte dos noticiários, pois só assim será possível cobrar dos alunos critério para desvendar a realidade, ousadia para abandonar as explicações já consagradas e elaborar respostas coerentes e racionais para os fenômenos sociais. Para tanto, provocar o estranhamento e a desnaturalização significa desenvolver a sensibilidade do aluno para enxergar sociologicamente o mundo, a partir de diferentes questões que o cercam diariamente, e essa acaba sendo a principal tarefa do professor de Sociologia no Ensino Médio. Vejamos, então, a citação a seguir:

Desenvolver no jovem a sensibilidade para apreender sociologicamente o mundo que o rodeia – tanto questões consideradas "menores", inseridas no seu dia a dia,

como aquelas mais distantes e não tão evidentes – trabalhar o conteúdo sociológico para além dos limites sistemáticos do currículo formal. É capacitar o jovem, mesmo após concluir o nível médio, a desenvolver o raciocínio lógico para entender como a vida social se organiza e como essa organização influencia diretamente sua experiência cotidiana. É dar-lhe condições de atribuir significado ao mundo a sua volta, a partir de sua própria inserção: o autoquestionamento e a busca de respostas coerentes sobre sua participação no grupo em que vive. É estimular o jovem a buscar, nos espaços fora da escola, novos e infinitos saberes, que o capacitem a compreender o mundo para além dos fatos imediatamente observáveis (GUIMARÃES, 2014 p.27 e 28).

Ainda dentro deste contexto de qual seria a principal função do professor, a entrevistada Aracele Barbosa diz que concorda que o professor é um transformador da realidade social, mas ao mesmo tempo ele não é o único responsável pela produção do conhecimento, mas sim ambos, aluno e professor, são os produtores do conhecimento. Vejamos:

"Eu concordo que o professor ele sim, seja um transformador da realidade social, mais ele não é o único o responsável pela produção do conhecimento, eu como eu já falei pra vocês é, ao mesmo tempo em que a gente buscar passar pro nosso aluno o conhecimento a gente também adquire conhecimento com esses alunos, esses alunos eles também são produtores são atores, são protagonistas do conhecimento. A gente não está aqui pra ter aquela ideia de donos do conhecimento daquele que detém o poder, aquele que sabe tudo, mais aquela na verdade a educação, eu considero que a educação hoje ela há essa troca ao mesmo tempo em que eu transmito eu também recebo certo, então eu como eu falei pra vocês muitas vezes a gente prepara a aula chega na sala de aula o aluno ensina muito mais do que a gente achou que deveria que iria passar pra ele durante a aula né, com o exemplo da realidade dele, é com questionamentos. Então assim, eu não diria que ele é o principal responsável ele é um agente, ele é um transformador, mas o aluno também tem sua contra partida sua contribuição desse conhecimento."

A professora Aracele Barbosa continua respondendo a essa pergunta afirmando que, o objetivo do professor é causar inquietação, através da desnaturalização e do estranhamento dos fenômenos e dos problemas sociais, Veja:

"Sim, é o objetivo da gente é causar essa inquietação, essa desnaturalização, de muitos fenômenos de muitos problemas sociais, porque quando a gente inicia o conteúdo de Sociologia nos primeiros dias de aula principalmente no 1º ano que eles ainda estão sendo apresentados à disciplina a gente eu pelo menos, tento demonstrar a eles que um dos objetivos da Sociologia é buscar desnaturalizar aquilo que é comum pra eles no cotidiano e causar o processo de estranhamento que são duas características fundamentais no pensamento sociológico, então é a partir daí que a gente tenta mostrar pra eles questões do cotidiano deles que muitas vezes é vista de maneira naturalizada a gente precisa ter uma reflexão maior, uma reflexão mais crítica e aí a partir disso que a gente tenta demonstrar como questões de desigualdade social, há muitas vezes no início quando eu começava a lecionar eu já escutei respostas do tipo há mais é natural sempre vai ter um pobre e um rico porque, porque para eles não tinham um aprofundamento eles não conheciam, então assim é justamente a partir daí que a gente vai começar a causar inquietações no aluno, mais porque que há essas diferenciação entre classes, porque que uma se sobrepõe a outra, e porque há uma dominação aí a partir daí eles começam a refletir a buscar e analisar de uma maneira diferente daquele ponto de vista do senso comum do que eles compreendiam até então, então eu acho que o objetivo realmente de procurar analisar um conteúdo é de mostrar pra eles o ponto de vista crítico sair desse senso comum, sair dessa naturalização desses problemas sociais, dessas questões que são colocadas".

A professora Katia Carina, ainda no que se refere à tarefa do professor, diz que o mesmo é o principal responsável pela produção do conhecimento, mas não o único responsável por este, porque a produção do conhecimento é de responsabilidade da Escola da Família e do Estado:

"Eu considero que seja o principal agente responsável pela produção do conhecimento. Agora ser o único responsável pela transformação da sociedade é um peso muito grande, até porque a gente sabe que não depende só de nós, a gente diz que isso é uma realidade tripartido. Se eu professor, estou lá na sala de aula que não tem estrutura muitas vezes nenhuma, que a realidade do Ensino Médio, nós temos diversas realidades, então muitas vezes eu não tenho estrutura climática para se dar uma aula de uma hora da tarde, o calor exacerbante, como eu disse com aluno de várias classes, isso eu falo do ensino público né... alunos de várias classes sociais de várias realidades sociais, dizer que eu sou a responsável por isso complica eu enquanto professor. Agora eu considero que nós somos responsáveis por essa formação intelectual, mas com o apoio da sociedade agora eu só vou conseguir isso se eu tiver a junção Estado Família, Estado Escola e aí escola é essa professora a equipe gestora e todo esse processo acompanhado pelo Estado, se essas três entidades funcionarem juntos a gente consegue mudar a realidade, pois se eu sozinha fizer minha parte, não vai adiantar, a família tem que fazer a parte dela, o aluno tem que querer fazer, o Estado tem tá lá junto pra acompanhar. Agora eu acho que somos de suma importância para construção do conhecimento."

Sobre o importante papel tanto da família, quanto da escola na vida dos estudantes Young (2007), ressalta que estas não são as duas únicas Instituições responsáveis por esse propósito, mas que as mesmas devem ser vistas como casos especiais nesse quesito, como podemos confirmar no trecho a seguir:

As famílias, como tal, têm um papel único, que é o de reproduzir sociedades humanas e fornecer condições que possibilitem suas inovações e mudanças. Quanto às escolas, sem elas, cada geração teria que começar do zero ou, como as sociedades que existiram antes das escolas, permanecer praticamente inalterada durante séculos (YOUNG, 2007, p.1288).

4.9 PRINCIPAIS DESAFIOS

É perceptível a diferença entre os principais "desafios" encontrados no Ensino de Sociologia no Brasil, pois enquanto alguns autores como Bodart e Silva (2016) expõem a deficiência na formação de licenciados em Ciências Sociais e na formação continuada como os principais "desafios" desta área de trabalho, outros autores como Carvalho (2010) elencam a falta de um conjunto mínimo de conteúdos, ou seja, a falta de um consenso sobre o que ensinar em Sociologia e como ensinar para orientar os profissionais da área, e as professora entrevistadas aqui no Cariri Paraibano trazem outros diferentes "desafios" e assim fica notável a imensa e diversificada gama de "desafios" existente.

A entrevistada Aracele Barbosa, ao ser questionada sobre quais os principais "desafios" encontrados por ela no exercício dessa profissão, ressalta que os "desafios" surgem e somem com o tempo, mas que, no momento atual, a maior dificuldade está sendo com relação ao tempo aula semanal:

"(...) depende muito, tem momentos em que a gente tem dificuldades maiores em relação à questão de recursos mesmo, tem determinados momentos que essa dificuldade é sanada e que surgem outras, mas assim uma das dificuldades que a gente ainda tem realmente é a questão do tempo, mais aí como eu já falei no início é a gente espera uma reformulação do Ensino Médio como todo."

Em contrapartida, a outra professora entrevistada, Katia Carina, coloca que os principais "desafios" desta profissão no atual momento são a ausência da família na escola, ausência de alunos leitores, e o avanço de série exigido pelo Estado, mesmo sem o aluno ter condições disso:

"Eu acho que uma das maiores dificuldades que enfrentamos hoje, aí eu acho que não é só em Sociologia eu creio olhando o contexto geral da escola, porque nós estamos num momento, pelo menos no estado da Paraíba, que não existe mais esse conteúdo apenas é individual, hoje em dia no estado da Paraíba nas escolas que eu ministro aula a gente trabalha com a história da escola integrada ou escola cidadã, então tudo que é trabalhado em uma disciplina tem que tá em comum e em consenso com as outras áreas do conhecimento e conversar de forma Inter e transdisciplinar, então na minha concepção a maior dificuldade que se tem hoje em trabalhar em sala de aula é a própria falta da família estar dentro da escola. Primeiramente, não existe uma parceria de Escola Família, então a família delegou a escola o papel de educador, e esse não é o papel da escola, não é o papel único da escola né, a escola é responsável por a educação, até mesmo porque a primeira socialização é feita em casa. Segundo existe uma dificuldade muito grande de nós termos alunos leitores e para o Ensino de Sociologia, porque se o aluno não é leitor é extremamente difícil passar os conteúdos de Sociologia se ele não tem uma carga de leitura. Terceiro a gente tem um Estado hoje o Estado de formação, o Sistema educacional que exige que haja um avanço de série, embora que o menino não tenha conteúdo suficiente pra aquilo, em que sentido, porque eu não posso julgar mais o aluno se ele não passar em Geografia, História ou Sociologia, mas ele passa em Matemática, então pode ser que ele tem aptidão só pras áreas de Ciências exatas, mas o que ele tem aptidão na área de Ciências humanas, então eu tenho que tentar fazer com que ele tenha um conhecimento mínimo daquilo ali, mas eu não posso mais reprovar o aluno eu acho que o sistema também cobra no sentido de não poder reter mais o aluno por isso que a gente chega na Universidade e se depara com alunos despreparados. (...) é ele pressiona o professor para querer aquilo ali, quando ele bota o conhecimento da educação como IDEB. Não adianta você ter um índice grande de evasão e reprovação se você vai ser medido, pesado e quantificado pelo IDEB nem sempre aparece no IDEB uma avaliação dessa questão, é na escola Senador José Gaudêncio que a gente ministra aula, o ano passado a gente não conseguiu alcançar a meta do IDEB, interessante que desde o ano passado que a gente tem alunos indo Jovens Inovadores, medalhista de olimpíada de matemática, medalhista de olimpíada de língua portuguesa, alunos que foram agora para o Projeto Gira Mundo. É o índice que a gente fez agora, índice de aprovação no ENEM do ano passado, é eu acho que da turma dos meninos foram 32 aprovados de uma turma de acho que 50 alunos, então foi mais de cinquenta por cento de aprovados, mas o IBEB diz que é ruim, mas o ENEM com a aprovação diz que é bom. Entende como é complexo essa relação, por isso que eu digo não é só uma questão que a escola avalia."

Sobre essa questão do Ensino ser quantificado, evidenciada por nossa entrevistada, Michael Young (2007) vai dizer que os propósitos da escolaridade estão sendo definidos cada

vez mais em termos instrumentais, sendo então a escola controlada por metas, tarefas e tabelas comparativas de desempenho, como podemos conferir na citação seguinte:

[...] As escolas são tratadas como um tipo de agência de entregas, que deve se concentrar em resultados e prestar pouca atenção ao processo ou ao conteúdo do que é entregue. Como resultado, os propósitos da escolaridade são definidos em termos cada vez mais instrumentais, como um meio para outros fins. Com as escolas sendo controladas por metas, tarefas e tabelas comparativas de desempenho, não é de se espantar que os alunos fiquem entediados e os professores sintam-se desgastados e apáticos (YOUNG, 2007, p. 1291).

Tornam-se assim perceptíveis as divergências dos "desafios" entre as próprias professoras entrevistadas, como também entre os "desafios" apontados pelas discussões acadêmicas como sendo "desafios" universais. Porém isto nos mostra quão subjetivos são estes "desafios" e que os mesmos estão vinculados a vários elementos de ordem social, cultural, regional entre outros, ou seja, que eles divergem de lugar pra lugar, de escola pra escola e de professor pra professor, pois os "desafios" surgem de acordo com a realidade em que o professor encontra-se inserido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo-se então o contexto histórico da disciplina Sociologia na grade curricular do Ensino Médio marcado por grande instabilidade, e apontado por inúmeros intelectuais como a causa principal dos grandes "desafios" testemunhados pelos professores desta disciplina, ou seja, muitos estudiosos indicam os longos processos de intermitência da Sociologia como os principais responsáveis pela imensurável gama de "desafios" ainda sofridos no contexto educacional atual pelos profissionais desta área. Tratando-se desta questão Young (2007) afirma com toda segurança que resolver a tensão entre as demandas políticas e a realidade educacional é uma das maiores questões educacionais do nosso tempo, ou seja, esta é a grande missão de todos e enquanto não nos conscientizarmos disto não chegaremos a lugar nenhum, pois não são apenas os professores de Sociologia que sofrem com esse problema, mas sim todos que constituem o cenário educacional.

Partindo então deste pressuposto optei por meio deste trabalho pesquisar quais os principais "desafios" encontrados pelos profissionais da área no Ensino de Sociologia, para assim poder conhecer e averiguar se estes "desafios" são unânimes no processo de Ensino desta disciplina. Para tanto, foi levado em consideração o que vem sendo evidenciados em vários debates, livros, eventos e pesquisas que discutem esta temática, ousando, assim, analisar as convergências e divergências destes "desafios" com os elencados pelas professoras entrevistadas.

Contudo, no decorrer desta pesquisa foi possível constatar que os "desafios" vivenciados no Ensino de Sociologia não são estáticos e que em alguns casos também não são universais, mas que os mesmos estão em constante processo de modificação e, portanto, diferem de região para região, de contexto social para contexto social, de escola para escola, de professor para professor. No entanto, esta constatação de variação nos ajuda a entender porque que os principais "desafios" que foram colocados pelas professoras de Sociologia que atuam na região do Cariri Paraibano Ocidental divergem dos principais "desafios" discutidos em debates, livros e pesquisas que abordam essa questão de forma universal, ou seja, que se referem aos "desafios" vivenciados pelos professores de Sociologia no cenário educacional brasileiro como todo.

Para tanto, deixa-se assim uma provocação para novas pesquisas que se aprofundem mais na investigação deste objeto de estudo sociológico, ou seja, que venham sequenciar e

ampliar essa linha de pesquisa incluindo, também, opiniões de professores que lecionam Sociologia, mas que possuem formação em outras áreas do conhecimento, pois essas e outras opiniões têm muito a acrescentar e, com certeza, enriquecer as futuras pesquisas nesta temática.

Em suma, não apenas a Sociologia enquanto disciplina, mas a Escola enquanto espaço de produção do conhecimento, possuem a tarefa de transformar a cristalizada visão de mundo dos jovens, despertando nestes uma nova e crítica forma de percepção do mundo circundante, como é colocado por Young (2007) quando ele responde para que servem as escolas, afirmando que as mesmas servem, ou pelo menos podem servir, para capacitar os jovens a adquirir o conhecimento que para a maioria não é possível adquirir em casa, ou na comunidade e que, no caso dos adultos, não é possível adquirir no ambiente trabalho, sendo então este conhecimento denominado por Young de "Conhecimento Poderoso". No processo de construção deste conhecimento estamos sujeitos a depararmos com vários "desafios", mas devemos sempre lembrar que, enquanto agentes transformadores da realidade social, não podemos esmorecer frente a estes "desafios", e sim buscarmos solucionar os mesmo, pois só assim conseguiremos cumprir com o nosso papel enquanto professores de uma disciplina que busca "formar cidadãos críticos".

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rafael Ademir Oliveira de. **Ensino de Sociologia e Literatura: Currículo e Desafios**. Primeira Versão: UNIR, 2012.

BODART, Cristiano das Neves; SILVA, Roniel Sampaio. O perfil do professor de Sociologia do Ensino Médio e sua percepção da condição docente. **Revista Inter-legere**, p. 168-189, jan.- jun.de 2016.

BOGDAN, Robert C. e BIKLEN, Sari Knopp. **INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO**. Porto Editora, LDA. – 1994.

BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista eletrônica dos Pós Graduated em Sociologia política da UFCS**. VOL 2, 2005.

CARVALHO, Cezar Augusto de. **A Sociologia no Ensino Médio uma experiência**. Londrina: EDUEL, 2010.

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

COAN, Marival. **A Sociologia no Ensino Médio, o material didático e a categoria trabalho**. Dissertação, PPGC, UFSC, 2006.

DIAS, Viviane Gonzalez. **Pesquisa e Ensino de Sociologia no Ensino Médio: desafios e possibilidades**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012.

FERNANDES, Florestan. O Ensino de Sociologia na Escola Secundaria Brasileira. In: VIEIRA, José Glebson. CUNHA, Lidiane Alves (Org.) **Desafios e Perspectivas do ensino e da formação de professores de Sociologia para o Ensino Médio**. Mossoró: UFRN, 2014.

FIGUEIREDO, Antônio Macena de. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e tese: da redação científica à apresentação do texto final**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. **Epistemologia e cidadania: o ensino da Sociologia na Educação Básica**. In: VIEIRA, José Glebson. CUNHA, Lidiane Alves (Org.) **Desafios e**

Perspectivas do ensino e da formação de professores de Sociologia para o Ensino Médio. Mossoró: UFRN, 2014.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na Sociologia. In: BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. Apendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista eletrônica dos Pós Graduados em Sociologia política da UFCS.** VOL 2, 2005.

HANDFAS, Anita. MAÇAIRA, Julia Polessa. **Dilemas e Perspectivas da Sociologia na Educação Básica.** Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Mariana de Andrade. **Técnicas de Pesquisa.** In: BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. **Apendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** Revista eletrônica dos Pós Graduados em Sociologia política da UFCS. VOL 2, 2005.

LENNERT, Ana Lúcia. **Condições de trabalho do professor de Sociologia.** In: BODART, Cristiano das Neves; SILVA, Roniel Sampaio. **O perfil do professor de Sociologia do Ensino Médio e sua percepção da condição docente.** Revista Inter-legere, p. 168-189, jan.-jun.de 2016.

LIMA, José Gilauco Smith Avelino de. PERNANBUCO, Marta Maria Castanho Almeida. COSTA, Joice Suely Galvão da. GERMANO, José Willingnton. Entre o discurso e a prática (reflexões sobre a formação do professor de Sociologia) In: VIEIRA, José Glebson. CUNHA, Lidiane Alves (Org.) **Desafios e Perspectivas do ensino e da formação de professores de Sociologia para o Ensino Médio.** Mossoró: UFRN, 2014.

MORAES, Amaury. **Ensino de Sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade.** Cad. Cedes, Campinas Vol.31, n.85, p358-382, set.- dez. 2011.

MORAES. Amaury Cesar. Desafios do Ensino de Sociologia na Escola Média. In: VIEIRA, José Glebson. CUNHA, Lidiane Alves (Org.) **Desafios e Perspectivas do ensino e da formação de professores de Sociologia para o Ensino Médio.** Mossoró: UFRN, 2014.

NETO, José Colaço Dias. MAÇAIRA, Julia Poless. O tempo da Sociologia do Ensino Médio: A atualidade dos Clássicos e o artesanato como Proposta. In: ____ **Dilemas e Perspectivas da Sociologia na Educação Básica.** Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

OLIVEIRA, Karla Michelle de. MELO, Elda Silva do Nascimento. **Dimensões do ensinar Sociologia: representações de licenciados/as estagiários/as.** In: VIEIRA, José Glebson. CUNHA, Lidiane Alves (Org.) **Desafios e Perspectivas do ensino e da formação de professores de Sociologia para o Ensino Médio.** Mossoró: UFRN, 2014.

OSÓRIO, Andréa. SARANDY, Flavio Marcos Silva. **Uma palavra sobre o silêncio: Conteúdos de Gênero para Sociologia nos PCN, OCN e BNC.** . *Revista Inter-legere*, p. 58-75, jan.- jun.de 2016.

SANTANA, Gilmar. Sociologia e Educação: compromisso científico-social na constrição do conhecimento. In: VIEIRA, José Glebson. CUNHA, Lidiane Alves (Org.) **Desafios e Perspectivas do ensino e da formação de professores de Sociologia para o Ensino Médio.** Mossoró: UFRN, 2014.

SARANDY, Flavio Marcos Silva. **Reflexão acerca do sentido da Sociologia no Ensino Médio.** *Revista Espaço Acadêmico* - Ano 1 - N° 05 - Outubro de 2001- Mensal - ISSN 1519.6186.

SILVA, Ileizi Fiorelli. A Sociologia no ensino médio: Os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Cronos**, Natal-RN, v.8, n. 2, p.403- 427, jun. dez. 2007.

SOUSA, Fernando Ponte de. **Sociologia conhecimento e ensino.** Florianópolis: Editora em Debate, 2012.

SOUZA JUNIOR, Xisto Serafim de Santana de. O uso do método qualitativo na análise da influência dos movimentos sociais urbanos na produção do espaço. **Revista de Ciências Humanas e Artes, Campina Grande**, v.16, n. 1/2, p.64- 76, 2010.

VIEIRA, José Glebson. CUNHA, Lidiane Alves (Org.) **Desafios e Perspectivas do ensino e da formação de professores de Sociologia para o Ensino Médio.** Mossoró: UFRN, 2014.

YOUNG, Michael. Para que serve as escolas? **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 12 abr. 2017.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

- **QUESTÕES SOBRE DIDÁTICA**

1 No livro PIBID, Maria das Dores Bezerra relata que " orientaram os alunos do Ensino Médio a produzirem filmes de curta metragem e fotografias, com o objetivo de captar, através de imagens, situações corriqueiras que venham a ser analisadas ou explicadas, sociologicamente".

Você concorda que tentar levar assuntos que fazem parte do cotidiano dos alunos para a sala de aula, contribui com o aprendizado destes alunos? Por quê?

2 Na apresentação do livro PIBID os organizadores do livro, os professores Rozenval e José Rodorval falam sobre os recurso pedagógicos do ensino de Sociologia. Há consenso sobre conteúdos, livros didáticos, metodologia e recuso pedagógicos? Ou ainda estão em experimentação?

3 A professora Aracele relata no livro PIBID que ao iniciar as aulas notava dificuldades dos alunos em reação aos conteúdos da disciplina. E hoje? Como os alunos desenvolvem o conteúdo da disciplina? Refletem a relevância do conteúdo ou apenas decoram demonstrando estar acostumados a respostas prontas?

4 A professora Aracele Barbosa diz no livro "Pibid memorias de iniciação à docência" que os conteúdos deveriam ser provocadores de crítica ao ensino. Isso acontece?

5 Mediante reflexões que faz o professor José Rodorval, em relação à administração do tempo mínimo de aula de Sociologia eu pergunto: Como atrair a atenção dos alunos e apresentar o conteúdo tendo por base uma boa administração do tempo de aula (45min.)?

6 Fazendo uma apreciação do panorama do estágio atual (pra época), a Sociologia no Ensino Médio, o professor José Rodorval levanta questões sobre o preparo dos alunos no livro PIBID, que é um livro de 2013. A falta de maturidade dos alunos perante o conteúdo é observada na disciplina? Se assim como trabalhar os textos com esse tipo de material humano?

7 A professora Aracele Barbosa diz que " mais que apresentar lições a serem assimiladas pelos estudantes, é função do professor despertar no aluno interesse em compreender e refletir questões que constituem a sua própria realidade social, não se limitando a esta, mas partindo da mesma para a compreensão de outros contextos". Como você analisa atualmente o interesse dos alunos pelos conteúdos ensinados em Sociologia? A alguma metodologia que seria mais adequada ao ensino de Sociologia nesse nível de ensino?

- **QUESTÕES SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA**

8 A "Pibidiana", Josefa Denise, relata no livro Memória de Iniciação à Docência, que o curso de Ciências Sociais "moldou sua maneira de pensar, trouxe questões que já eram do seu meio, mas indagadas de maneira diferente, mais racional".

Você vê o ensino de Sociologia como "desencantador" da sociedade moderna, levando os alunos a serem mais racionais? Por quê?

9 Washington Alves diz no livro Memórias de Iniciação à Docência que " o professor precisa assumir a posição de agente transformador da realidade sociocultural, sendo ele o principal responsável pela produção do conhecimento na sociedade".

Você concorda que o professor deve ser um agente transformador da realidade sociocultural e que é o principal responsável pela produção de conhecimento? Por quê?

10 referindo-se ao pequeno espaço que, a duras penas, a Sociologia conquistou no Ensino Médio, o professor José Rodorval lembra no livro PIBID que mais cedo ou mais tarde enfrentaremos uma ampla reforma no Ensino Médio, como você vê essa ideia? Acredita que a Sociologia merece maior espaço? Por quê?

11 Foram relatadas, no livro PIBID, pela professora Kátia Carina, as suas dificuldades em cumprir com a carga horária exigida pelo Estado quando começou a lecionar aulas. Sendo assim: quais as mudanças que o Estado propôs para que essas cargas sejam cumpridas sem que seja necessário o deslocamento para outras cidades?

12 No livro PIBID, o professor José Rodorval reflete sobre a qualidade dos professores de Sociologia, ressaltando que professores formados em outras áreas ministram a disciplina mesmo sem formação específica e também traz a evidência do despreparo de alguns professores formados em Ciências Sociais o que acarreta em prejuízo para o aprendizado dos alunos. Como você vê essa questão?

13 Você cita no livro PIBID várias dificuldades enfrentadas por você como professora. Então, pergunto, qual é a maior dificuldade enfrentada por você, como professora de Sociologia no e Ensino Médio nos dias atuais?

14 No livro do PIBID a professora Kátia Carina relata que como professora supervisora do programa PIBID, sente-se orgulhosa de orientar estudantes de licenciatura, e desenvolver pesquisas e de participar de eventos científico. Você acha que seria necessário no Ensino Médio a escola trabalhar com pesquisa, tendo em vista que a BNCC afirma que a pesquisa

"pode ser um instrumento importante para o desenvolvimento da compreensão e para explicação dos fenômenos sociais"?

15 A BNCC estabelece como missão da Sociologia no Ensino Médio ensinar os alunos a estranhar e desnaturalizar o senso comum. Você acha que o uso desses conceitos em sala de aula contribui para o ensino de Sociologia? E de que forma você trabalha esses princípios com seus alunos?

16 Segundo a BNCC a Sociologia no Ensino Médio deve ser encarada como uma disciplina que favorece o debate e pluralidade de ideias na escola. A escola na qual você atua permite aos professores e os alunos o debate e expressar-se livremente sobre seus pensamentos e ideias acerca dos fenômenos sociais da atualidade?

- **QUESTÕES SOBRE A IMPORTANCIA DO PIBID?**

17 A professora Aracele relata no livro PIBID a importância da sua participação como estagiária no PIBID para sua formação de professora de Sociologia. Na sua concepção, qual a contribuição que PIBID realiza nas escolas em termos de ensino e aprendizagem?

18 Como uma supervisora do PIBID você acha que esse programa é necessário e fundamental para a formação de um bom professor? Por quê?

- **QUESTÕES SOBRE A ESCOLA PÚBLICA**

19 Você (Aracele) relata no livro "Memória de Iniciação e Docência", que a partir da sua experiência na escola particular (IEIC), como as atitudes e a interação com os colegas fizeram "nascer o interesse pelos atos de ensinar" então, você acredita que a experiência com a escola particular influenciou no seu desejo de ser professora e que realidade das escolas públicas pode ser algo desmotivante para aqueles alunos que têm o desejo de serem professores?

20 As OCN's chamam atenção para as diversas práticas de ensino e de recursos didático que podem ser utilizados pelo professor. Contudo, eu queria saber se as escolas disponibilizam esses recursos didáticos e possibilitam aos seus professores fazerem uso dessas diversas práticas de ensino, como excursões, visitas a museus e parque ecológicos e o uso de aparelhos eletrônicos que auxiliam o professor como DVD e TV?

- **QUESTÕES SOBRE A BNCC E AS OCN'S**

21 A BNCC esclarece que o estudo da cultura ou das culturas, "amplia a capacidade dos estudantes de abrir-se às diferenças e apreciar a diversidade além de prepará-las para apreciar, fluir e produzir cultura".

Você trabalha com seus alunos essas diferenças culturais e temas como gênero e religião, por exemplo, já que as OCN's destacam três principais recortes reiterados nas propostas para o ensino de Sociologia no Ensino Médio, dentre os quais se encontram TEMAS, além de CONCEITOS e TEORIAS?

22 A BNCC afirma que "a juventude que conclui o Ensino Médio deve ser capaz de solucionar problema de forma criativa e inovadora, interagir com o outro e suas diferenças, reconhecer, expressar e gerir suas emoções, liderar, empreender e aprender continuamente".

No teu ponto de vista esse é o perfil dos jovens que concluem o Ensino Médio atualmente? Se não, a que você acha que se deve o não alcance desse objetivo da BNCC?

23 De acordo com a BNCC é preciso intensificar as ações interdisciplinares e transversais que incorporem os conhecimentos e as expectativas dos estudantes. Você, como professora de Sociologia, consegue usar esses elementos interdisciplinares e transversais na sala de aula para despertar o interesse dos alunos nos conteúdos da disciplina de Sociologia?

**APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E
DEPOIMENTOS**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Maíck Barbosa Gomes,
 CPF N.º 062.840.064-03, RG N.º 2837349,
 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador do trabalho intitulado Debates do Ensino de Sociologia no Cariri Ocidental Paraibano a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor do pesquisador, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Sumé, 23 de Maio de 2017

Maria da Conceição da Costa Cardoso
 Assinatura do Pesquisador

Maíck Barbosa Gomes
 Assinatura do Pesquisado ou Responsável pelo Pesquisado

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Látia Carina Mesquita Cruz de Araújo,
 CPF N.º 028.327.964-86, RG N.º 2025476 SSP/PB,
 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE),
 AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador do trabalho intitulado
Desafios do Ensino de Sociologia
no Cariri Ocidental Paraibano. a
 realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor do pesquisador, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Sumé, 23 de Maio de 2017

Júlia da Conceição da C. Cardoso
 Assinatura do Pesquisador

Látia Carina Mesquita Cruz de Araújo
 Assinatura do Pesquisado ou Responsável pelo Pesquisado